



# shipwrecked

ensayos sobre el fracaso • ensaios sobre o fracasso • essays about failure







*¿qué es un mapa para quien no busca nada?*

*o que é um mapa para quem nada procura?*

*what is a map for one who seeks nothing?*



# náufragos

ensayos sobre el fracaso

**GUIÓN Y DIRECCIÓN alfonso doncel**

**CREACIÓN**

- TEXTOS antonio sáez delgado, javier cano, antonio martins quresma y alfonso doncel ■ FOTOGRAFÍA pedro j. gómez ■ VIDEO/MÚSICA arni giraldo, daniel almoril, óscar aznar, jm fernández de cañete ■ PINTURA/DISEÑO alfonso doncel ■
- PORTADA idea de arni giraldo; diseño y fotografías: alfonso doncel
- FRASE ENTRADILLA antonio sáez delgado ■ PRÓLOGO enrique garcía fuentes
- TRADUCCIÓN a portugués: mónica martins/a inglés: servicios de traducción glotas, sa
- EDITA art, investigation & development (Badajoz, 2009)
- IMPRIME indugrafic, sl ■ DL BA-389-09 ■ ISBN 978-84-613-2721-8 ■

© de la publicación A+i+D ■ © de los textos y las imágenes sus autores  
© de la publicación A+i+D ■ © de los textos y las imágenes sus autores

UNA PRODUCCIÓN DE



más info

[www.alfonsodoncel.com](http://www.alfonsodoncel.com) ■ [www.rinabouwen.com](http://www.rinabouwen.com)

*Queda prohibida, salvo excepción prevista por la ley, la reproducción (electrónica, química, mecánica, óptica, de grabación o de fotocopia) distribución, comunicación pública y transformación de cualquier parte de esta publicación, - incluido el diseño de la cubierta - sin la previa autorización escrita de los titulares de la propiedad intelectual y de la Editorial. La infracción de los derechos mencionados puede ser constitutiva de delito contra la propiedad intelectual (art. 270 y sig. del Código Penal). El Centro Español de Derechos Reprográficos (CEDRO) vela por el respeto de los citados derechos.*

prólogo	13	prólogo
antonio alfonso doncel	18	antonio alfonso doncel
vanitas antonio sáez delgado	40	vanitas antonio sáez delgado
de naufrágios e náufragos javier cano	76	de naufragios y de náufragos javier cano
naufràgio antonio martins quaresma	90	naufragio antonio martins quaresma
autores, curricula e referências	97	autores, currícula y referencias
peças que integram a obra náufragos	106	piezas que integran la obra náufragos
náufragos tradução ao inglês	113	náufragos traducción al inglés



# náufragos, ensayos sobre el fracaso

náufragos, ensaios sobre o fracasso

Reflexões sobre o comportamento, sobre as atitudes, sobre os sentimentos.	Reflexiones sobre el comportamiento, sobre las actitudes, sobre los sentimientos.
Sobre o conceito de naufrágio como evento natural na vida dos seres humanos, por tanto, sobre a identidade, o desenvolvimento do indivíduo e a necessidade de adaptação,	Sobre el concepto del naufragio como evento natural en la vida de los humanos, por tanto sobre la identidad, el desarrollo del individuo y la necesidad de adaptación,
sobre o conceito da passagem do tempo como parte necessária da sua evolução.	sobre el concepto del paso del tiempo como parte necesaria de su evolución.
O naufrágio - drama vital - inseparável do crescimento individual dos Homens.	El naufragio - drama vital - inseparable del crecimiento individual de los hombres.



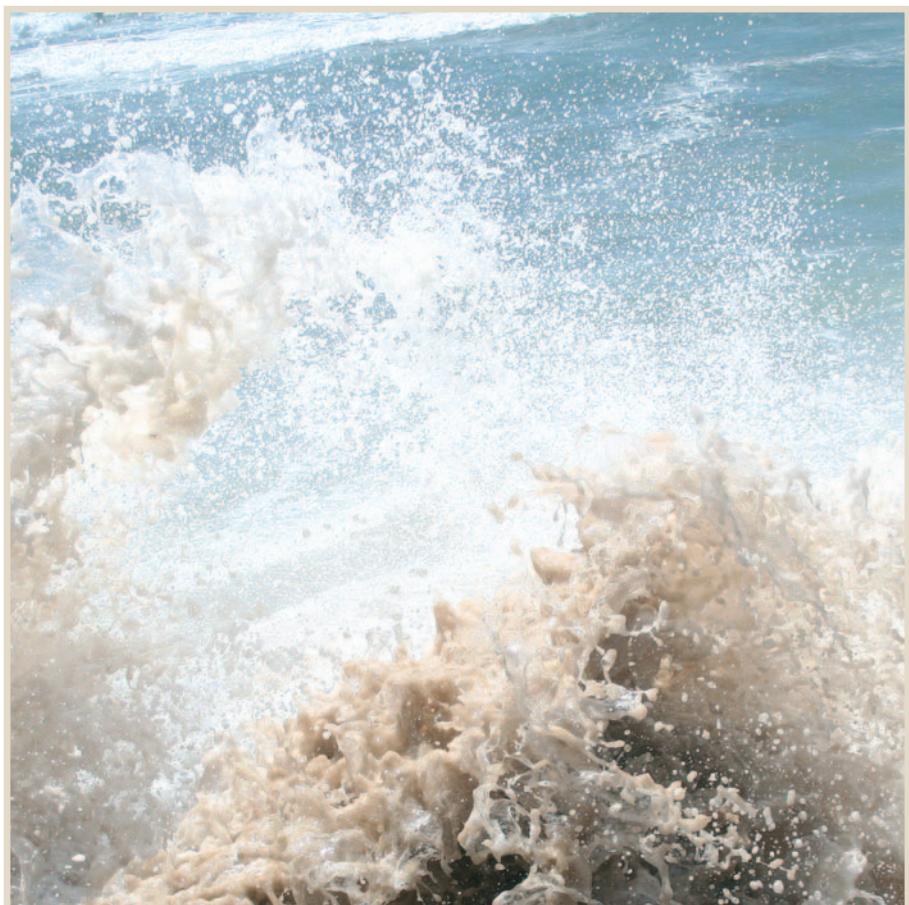


## [intro]

Em Vila Nova de Milfontes, uma povoação costeira do sudoeste Alentejano -em Portugal- existe um barco varado numa das suas calas mais próximas, a praia de Nossa Senhora. Trata-se de um cargueiro de origem holandesa, talvez um rebocador, que ali terminou os seus dias há mais de uma dezena de anos, encalhado sobre a areia da praia deste recôndito alcantil.	En Vila Nova de Milfontes, un pueblecito costero del suroeste alentejano -en Portugal- hay un barco varado en una de sus calas cercanas, la Praia de Nossa Senhora. Se trata de un carguero de origen holandés, quizás un remolcador, que hace más de una decena de años acabó sus días encallado sobre la arena de la playa de este recóndito acantilado.
--	--

O barco, o seu imponente aspecto oxidado, o contraste do trambolho com a harmonia da costa vicentina e a paisagem alentejana, constituem um ícone de reflexão para os autores deste projecto: um ponto de partida.	El barco, su imponente aspecto oxidado, el contraste del armatoste con la armonía de la costa vicentina y el paisaje alentejano configuran un ícono de reflexión a los autores de este proyecto: un punto de partida.
--	---

O cadáver do barco, a sua localização e os novos significados que sugerem as suas actuais circunstâncias, permitiram ao grupo de autores de <i>Náufragos</i> uma aproximação ao conceito da identidade e do fracasso como experiência vital.	El cadáver del barco, su ubicación y los nuevos significados que sugieren sus actuales circunstancias permiten al grupo de autores de <i>Náufragos</i> una aproximación al concepto de la identidad y del fracaso como experiencia vital.
--	---





# prólogo

ENRIQUE GARCÍA FUENTES

*mas a noite é interminável quando se apoia  
nos doentes e há barcos que procuram ser  
olhados para que possam afundar-se tranquilamente.*

F. García Lorca

Talvez a primeira decepção sobrevenha quando, depois de viajar por texturas oxidadas ou indagar no vazio que um amável fantasma deixa nas noites, notemos que o vaivém das ondas não deixa a resposta na nossa praia.

Se possível, mais dolorosamente quando, embebidos nessa melodia maçadora que volta a converter o barco numa massa de ferros que era um barco ou quando empurrados pela pressa dessa gente que pára sem se parar, percebemos o vazio que é instalar-nos num sonho que não coagula.

# prólogo

ENRIQUE GARCÍA FUENTES

*Pero la noche es interminable cuando se apoya  
en los enfermos y hay barcos que buscan ser  
mirados para poder hundirse tranquilos.*

F. García Lorca

Quizá la primera decepción sobrevenga cuando, después de viajar por texturas oxidadas o indagar en el hueco que deja un fantasma amable por las noches, notemos que el vaivén de las olas no nos deja en nuestra playa la respuesta.

Más dolorosamente si cabe, cuando, embebidos en esa melodía machacona que vuelve a convertir en barco a un amasijo de hierros que era un barco, o empujados en la prisa de esa gente que pasa sin pararse, percibimos el vacío de instalarnos en un sueño que no coagula.

Pero de eso es de lo que se trata.

Si nos fijamos bien, notaremos que ésta es la historia de un hombre que ya no está, de otro que ya se ha ido y de un barco que todavía viaja pero no termina de irse; aunque es verdad que algunos dicen que el barco ya se fue y otros que no, pero que es como si ya se hubiera ido.

Y es justo entonces cuando quizá empecemos a percibir que cualquiera de nosotros pudiera ser ese barco vencido; o que nos sintamos sinónimos del vagabundo extraño que encalla en un vertebral para que un poeta y sus hijos lo observen desde su recién estrenado balcón.

Porque está claro que una de las cosas que bajo ningún concepto quiso esta tripulación sin adjetivos fue reclutar marineros que redimiesen de un cabotaje estático. A quien pregunta por qué llegó el barco donde está le responde una serie de cuadros donde marmolina y poliéster recrean una inútil singladura. Al que demanda la bitácora de los derroteros antiguos le contestan más de ochocientas instantáneas del fin de un trayecto. A quien inquire la ubicación de sí mismo en toda esta historia se le abre de par en par un vertedero cercano del que pueda huir si lo desea.

Porque todo este panorama de barcos a punto de hundirse, pero sin hacerlo, y hombres en trance de naufragar, pero levantándose, es lo que se procura ofrecer al lector desde estas páginas. Un

Mas é disso que se trata.

Se pensarmos bem, notaremos que esta é a história de um homem que já não está, de outro que já se foi e de um barco que ainda viajando, não partiu definitivamente; apesar de ser verdade que há quem diga que o barco já partiu e quem o negue, mas na verdade é como se já tivesse ido.

E é quando começamos a perceber que qualquer de nós poderia ser esse barco vencido; ou que nos sintamos sinónimos do estranho vagabundo que encalha numa leireira, para que um poeta e os seus filhos o observem desde a sua varanda recém estreada.

É claro que uma das coisas que sob nenhum conceito esta tripulação sem adjetivos quis, foi recrutar marinheiros que redimissem de uma cabotagem estática. A quem pergunta porque é que o barco chegou até onde está, obtém resposta de uma série de quadros onde estuque e poliéster recriam uma singradura inútil. Àquele que procura a bitácula dos antigos derroteiros, respondem-lhe mais de oitocentas instantâneas do fim de um percurso. A quem busca a localização de si mesmo em toda esta história abre-se-lhe, de par em par, uma leireira próxima, da qual poderia fugir se quisesse.

Porque todo este panorama de barco a ponto de se afundar mas sem o fazer e homens no momento de naufragar, mas levantando-se, é o que se procura oferecer ao leitor com estas páginas. Um vínculo singular, se

assim se quiser, que integra a pessoa no meio comum da decepção e as possíveis vias de sair ou nela ficar saboreando a própria alternativa.

A persistência de um barco encalhado serve de constatação de que, para sobreviver, foram necessárias as exclusões e os ressurgimentos; a diferentes frequências, a vozes contrastadas, os artistas apresentam este ensaio sobre os limites e continuidades das sendas eleitas. *Nada termina com o fim* deveria ser o tópico que nos envolve e - porque não? - essa espécie de prontuário que ajudasse o visitante a ver - se lhe interessar - que talvez a maior grandeza que temos seja dar sentido àquilo que, com toda a probabilidade, não o tem; que se, como diz Cano, a rota da morte também faz parte da travessia, é da mesma forma certo que o mais importante de um naufrágio é sobreviver-lhe. Se pensarmos bem, a conclusão mais clara que obteremos deste ensaio é a força com que nadamos até à margem, a paixão com que contemplamos o espectáculo da nossa derrota e a fé insondável, que nos leva a tentar (ou inventar) de novo todo o processo e a integrar essas experiências falhadas, esses erros de planeamento, essas conclusões não desejadas, no abismo interior das nossas perspectivas intactas; tal como esse barco no qual “*silenciosamente, a sua matéria, penetrada pelo ar e pelo sol, gasta menos elementos, se vai caldeando, integrando, em partículas minúsculas, no meio que a acolheu.*”

vínculo extraño, si se quiere, que integra a la persona en el común entorno de la decepción, y las posibles vías de salir o quedarse en ella saboreando la propia alternativa.

La persistencia de un barco varado sirve de constatación de que para sobrevivir han sido necesarias las exclusiones y los resurgimientos; a diferentes bandas, a contrastadas voces, los artistas presentan este ensayo sobre los límites y continuaciones de las sendas elegidas. *Nada termina con el fin* debiera ser el tópico que nos envolviera y -¿por qué no?- esa especie de prontuario que ayudase al visitante a mirar -si le interesa- que quizás lo más grande que poseemos sea dar sentido a aquello que, con toda probabilidad, no lo tiene; que si, como dice Cano, la ruta de la muerte también forma parte de la travesía, es del mismo modo cierto que lo más importante de un naufragio es sobrevivir a él. Si nos fijamos bien la conclusión más clara que obtendremos de este ensayo es la fuerza con la que nadamos hacia la orilla, la pasión con la que contemplamos el espectáculo de nuestra derrota y la fe insondable que nos conduce a intentar (o inventar) todo el proceso de nuevo, y a integrar esas experiencias fallidas, esos errores de planteamiento, esas conclusiones no deseadas, en el abismo interior de nuestras perspectivas intactas; lo mismo, sí, que ese barco en el que “*silenciosamente, a sua matéria, penetrada pelo ar e pelo sol, gasta pelos elementos, se vai caldeando, integrando, em partículas minúsculas, no meio que a acolheu.*”

No sé si es la lucidez incandescente de quien ya dedujo que se marcha, pero quizá no haya una verdad más cierta que constatar que cuando uno tiene la sensación de haber llegado es cuando más desea que el viaje continúe. Por eso un barco varado, del que nada nos importa, es el punto de partida. Por eso aquí no va a desentrañarse una historia, sino a procurar que cada uno la construya. Seis artistas distintos, seis acercamientos diferentes, deben gravitar en el aliento de quienes nos empapemos de sonidos, formas, imágenes y palabras y queramos conformar (o no) la raíz fundamental que a todos los mueve: el inalienable derecho del hombre a equivocarse, la perfección de decidir qué hacer cuando nos caemos, la felicidad insondable de instalarse en las perspectivas múltiples de un naufragio.

Pero insisto: había que partir de algo. No tiene importancia el día ni la hora; apenas se sabe que tras un tiempo de deriva casi apostó, el barco tomó la decisión irrefrenable de quedarse a vivir en aquella orilla. Hoy me gusta suponer que valora más la memoria de sus viajes que la demanda de nuevas singladuras. O que prefiere la caricia de los peces cercanos, la interrogación estática de quienes le miran desde la arena, que el tremolante vaivén de la jornada cotidiana.

Acaso es que disfruta de su languidecer sin perspectivas.

O es que su sentido innato era concluir por fin con su derrota (y déjenme paladear este inmar-

Não sei se é a lucidez incandescente de quem já deduziu que parte, mas talvez não exista uma verdade mais certa que constatar que, quando alguém tem a sensação de ter chegado é quando mais deseja que a viagem continue. Surge assim, um barco encalhado, do qual nada nos importa, como ponto de partida. Por isso, aqui não se vai desentranhar uma história, mas sim procurar que cada um a construa. Seis artistas diferentes, seis abordagens diferentes, devem gravitar no hábito daqueles que se empapem de sons, formas, imagens e palavras e queiram confrontar (ou não) a raiz fundamental que a todos nos move: o inalienável direito de errar que tem o Homem tem, a perfeição de decidir que fazer quando cai, a felicidade insondável de se instalar nas múltiplas perspectivas de um naufrágio.

Mas insisto: havia que partir de algo. Não tem importância nem o dia nem a hora; apenas se sabe que depois de um tempo de deriva quase de propósito, o barco tomou a decisão irrefreável de ficar a viver ali, naquela margem. Hoje gosto de supor que valoriza mais a memória das suas viagens que a procura de novas singraduras, ou que prefere a carícia dos peixes que estão próximos, a interrogação estática de quem os admira desde a areia, que o trémulo vaivém da jornada quotidiana.

Talvez desfrute do seu languescer sem perspectivas.

Ou será que o seu sentido inato seria sua derrota como fim (e deixem-me saborear este imarcescível gozo polis-

sémico) porque a sua viagem começou exactamente no momento em que havia embarcado definitivamente.

Conheceremos também um homem sem nome, como o barco, que faz de um solar uma amável praia. E conheceremos também um poeta que o contempla; na verdade, o que conhecernos deste homem será o que o poeta nos contar. Não existe uma lente abrupta que fixe a sua imagem na paisagem, nem uma câmara amável que torne doce a sua arribada. Apenas nos chamará a atenção - de imediato - que o vazio que ocupava é, de novo, vazio.

Ainda que seja muito forte a tentação de equiparar o homem ao barco, todo este livro nos convida ao contrário. Ainda que pensemos que o sentido último das coisas seja ir-se ou abater-se, fica talvez a esperança ou a possibilidade de arder entre as perdas.... e nunca consumir-se de todo.

*Náufragos* pode entender-se como um canto à beleza da despossessão no instante imediato a uma determinação errada e ao abraço quente do que ainda late no fundo da caixa de Pandora.

Mais intensa que um barco que decidiu encalhar é a interrogação constante das ondas que o acariciam e o sussurro no seu casco da promessa de novas singladuras. ●

cesible gozo polisémico) porque su viaje empezó justo en el momento de haber definitivamente embarrancado.

Sabremos también de un hombre sin nombre, como el barco, que hace de un solar una playa amable. Y sabremos también de un poeta que lo contempla; de hecho, lo que nosotros lleguemos a conocer de ese hombre será lo que el poeta nos cuente. No hay una lente abrupta que fije su imagen en el paisaje, ni una cámara amable que haga dulce su arribada. Sólo nos llamará la atención - de pronto- que el vacío que ocupaba es, otra vez, vacío.

Aunque sea fortísima la tentación de equiparar al hombre y al barco todo en este libro invita a lo contrario. Aunque pensemos que el sentido último de las cosas sea marcharse o abatirse, quizás quepa la esperanza o la posibilidad de arder entre las pérdidas... y nunca consumirse del todo.

*Náufragos* puede entenderse como un canto a la belleza de la desposesión, al instante inmediato después de una determinación errónea y al abrazo cálido de lo único que aún late en el fondo de la caja de Pandora.

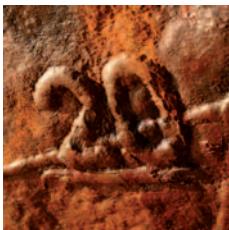
Más intensa que un barco que decidió vararse es la interrogación constante de las olas que lo acarician y el susurro en su casco de la promesa de nuevas singladuras. ●





antonio

alfonso doncel



## identidad

*El último viaje con Antonio; me cuesta decirlo.*  
Ambos sabemos que se le acaba la vida, que ésta será una de nuestras últimas oportunidades. La excusa es cargar unos cuantos sacos de marmolina en alguna cantera cercana a Villaviçosa: arena blanca cristalina; para mí un materialpreciado, para él, quizás sólo arena de construcción, de enfoscado. Y para ambos un desayuno, un paseo a Portugal y una mañana de charla. Me dirige a donde ha ido mil veces a cargar.

### identidade

*A última viagem com o Antonio, custa-me dizer-lo.*  
Ambos sabemos que a sua vida termina, que esta será uma das nossas últimas oportunidades. A desculpa é carregar uns quantos sacos de estuque numa pedreira próxima de Vila Viçosa: areia branca cristalina; para mim um material precioso, para ele, talvez mera areia de construção, de rebocar. E para ambos um pequeno-almoço, um passeio até Portugal e uma manhã de conversa. Leva-me até onde foi mil vezes carregar.



Dá-nos - *dá-me* - medo olhar-nos de frente. É mais bem vergonha que nos apercebamos, que peranto algo que me diga a respeito do seu êxodo, eu não tenha qualquer resposta. Como sou eu que conduzo, não tenho que esforçar-me demasiado para me esconder do seu olhar.

Nos da -*me da-* miedo mirarnos de frente. Es más bien vergüenza de que se nos note, de que me diga algo respecto de su éxodo, para lo que no tengo respuesta alguna. Como conduzco, no he de esforzarme demasiado en ocultarme de su mirada.



Náufragos I ancho 102 x alto 150 cms



As nossas conversas levam-nos, normalmente, até olhares retrospectivos, especialmente sobre a sua vida e os acontecimentos que a marcaram; normalmente limito-me a fazer comentários à margem, porque tenho a sensação de que a minha história não lhe interessa, que não tenho contrapartidas para lhe oferecer. Noto que desta vez o início da nossa conversa é mais frio; dizemos piadas - por vezes forçadas - mas como não olho para o Antonio, não percebo qualquer tensão. Ainda que pense que ele me provoca (suponho que agora seriam coisas minhas) e então assomamo-nos ao terreno do qual gostamos: uma visita aos modos da construção da identidade, que ele explora através dos seus, estabelecendo comparações ou narrando episódios da sua vida.

Nuestras conversaciones suelen llevarnos a miradas retrospectivas, especialmente sobre su vida y los sucesos que le marcaron; normalmente me limito a hacer comentarios al margen, porque tengo la impresión de que mi historia no tiene interés para él, que no tengo contrapartidas que ofrecerle. Noto que esta vez el inicio de nuestra charla es más frío; colamos bromas -a veces forzadas- pero como no miro a Antonio, no percibo tensión alguna. Aunque creo que él me provoca (ahora supongo que serían cosas mías) y entonces nos asomamos al terreno que nos gusta: una visita a los modos de la construcción de la identidad, que él explora a través de los suyos, estableciendo comparaciones o narrando episodios de su vida.



Náufragos II ancho 150 x alto 78 cms



Suponho (sinto que sei, por tudo o que me contou) que António terá sido muitas coisas; o último que lhe conheci é condutor de betoneira, aqueles camiões que acompanham até às cimenteiras e extraem e impulsam o cimento nas obras. Recordo que, quando estava bem de saúde, me bombeou umas toneladas de cimento até um terceiro andar, para fazer o chão do meu estúdio. Terá uns 60 anos, mas a mim parece-me que conta o conteúdo de duas ou três vidas.

Supongo (siento que sé, por todo lo que me ha contado) que Antonio habrá sido muchas cosas; lo último que le he conocido es conductor de autobomba, esos camiones que acompañan a las hormigoneras y extraen e impulsan el hormigón en las obras. Recuerdo que, cuando estaba en buen estado de salud, me bombeó unas toneladas de hormigón hasta una planta tres, para hacer el suelo de mi estudio. Tendrá unos 60 años, pero a mí me parece que cuenta el contenido de dos o tres vidas.



Náufragos III ancho 115 x alto 63 cms



O Antonio está a morrer e a sua família e amigos brincam - é uma metáfora - para que ele não o saiba. Agora penso que, no fundo, o fazemos para nos sentirmos mais cómodos e também que eu não gostaria que mo fizessem. Estou perfeitamente seguro de que ele o sabe e de que além disso o sente a cada minuto. Conta-me que se olha no espelho e o que vê, as modificações no seu aspecto (a sua deterioração). Olho os seus olhos de um azul água e tento reconstruir o que ele vê no seu espelho. Os espelhos são potentes ferramentas de construção da identidade. Não digo que seja da identidade real - que é a identidade real - mas oferece uma referência. Se ligamos o tempo, espelhos, uma certa capacidade de auto perdão e o instinto de adaptação, fabricamos um bom artefacto de construção de identidade; pelo menos, um observatório.

Antonio se muere, y su familia y amigos jugamos -es una metáfora- a que él no lo sepa. Ahora pienso que, en el fondo, lo hacemos para sentirnos más cómodos, y también que a mí no me gustaría que me lo hicieran. Estoy plenamente seguro de que él lo sabe, y de que además lo siente cada minuto. Me cuenta que se mira al espejo y lo que ve, los cambios en su aspecto (su deterioro). Miro sus ojos de un azul acuoso e intento reconstruir lo que él ve en su espejo. Los espejos son potentes herramientas de construcción de identidad. No digo que sea de la identidad real -qué es la identidad real- pero ofrece una referencia. Si conectamos tiempo, espejos, una cierta capacidad de auto perdón y el instinto de adaptación, fabricamos un buen artificio de construcción de identidad; al menos, un observatorio.



Náufragos IV Díptico ancho 141 x alto 77 cms



No cenário em que se situa Antonio misturam-se, entre aqueles que o rodeamos, sentimentos díspares. Por um lado invade-nos a pena - custumo dizer que é o tributo que há-de pagar quem quiser - e por outro albergamos sentimentos amáveis, como o orgulho de estar/ter estado perto dele, ou seja, a sensação de ter diante de nós um grande homem. Para mim, não o é por nenhuma razão em concreto senão pela mistura de sensações que transmite, entre as quais me chamam a atenção, a segurança, a autenticidade e uma permanente capacidade de adaptação; queria dizer inteligência, mas parece-me mais explícito a adaptação. Enquanto fala, analiso com ele essas capacidades - para as copiar - mas normalmente concluo que me faltam o seu olhar e os seus silêncios.

O Antonio escuta, sobretudo. Então, a uma pergunta associa um silêncio, cuja duração modula de acordo com a sua vontade e então, tece uma frase ou comentário que se refere directamente ao seu interlocutor. E fá-lo olhando-o nos olhos, para que saiba que se refere a ele, apenas a esse ser único.

En este escenario en el que se sitúa Antonio se mezclan, entre los que lo rodeamos, sentimientos dispares. Por un lado nos invade la pena -suelo decir que es el tributo que ha de pagar quien quiere- y por otro albergamos sentimientos amables, como el orgullo de estar / haber estado cerca de él, es decir, la sensación de tener delante un gran hombre. Para mí no lo es por rasgo concreto alguno, sino por la mezcla de sensaciones que trasmite, entre las que me llaman la atención la seguridad, la autenticidad y una permanente capacidad de adaptación; quería decir inteligencia, pero me parece más explícito lo de adaptación. Mientras habla, analizo en él esas capacidades -para copiarme- pero suelo concluir que me faltan su mirada líquida y sus silencios.

Antonio escucha, sobre todo. Entonces, a una pregunta asocia un silencio, cuya duración modula a placer, y entonces hila una frase o comentario que se refiere directamente a su interlocutor. Y lo hace mirándole a los ojos, para que sepa que se refiere a él, solamente a ese ser único.



Náufragos V Díptico ancho 135 x alto 47 cms



## arena

### areia

Enchemos sacos de um montículo distante da casa do guarda, num dia que promete chuva; por isso vamos com alguma pressa. As pedreiras estaleiros de areias têm uma luz e um ar especial; com este clima, a que hoje visitamos tem certos rasgos dramáticos. Para mim são armazéns de materiais que integrarei nas minhas obras e as perspectivas da sua utilização produzem-me um estado de espírito agradável. *As perspectivas mantêm as nossas vidas*, diz o Antonio, quando lhe comento isto. E então falamos da ausência de perspectivas como blindagem vital. *Claro, sem perspectivas não há fracasso*, digo-lhe.

- *Se fosse assim, poderíamos então decidir sobre a possibilidade do fracasso e isso ainda não foi inventado.*

- *Correcto. Sem perspectivas também acontece.*

- *Mas menos.*

*Repara Alfonso, fracassei mil vezes e aqui me tens. Tu estampas-te de vez em quando e vê bem a tua cara de felicidade. Não creio que alguém viva sem perspectivas; o que acontece é que quando estas não se cumprimen encontramos alguma alternativa e então volta a começar o ciclo. O importante é o depois.*

- *Adaptamo-nos.*

Llenamos sacos de un montículo alejado de la caseta del guarda, en un día que promete lluvia; por eso vamos con cierta prisa. Las canteras y secaderos de áridos tienen una luz y un aire especial; con este clima, la que hoy visitamos tiene ciertos rasgos dramáticos. Para mí son almacenes de materiales que integraré en mis obras, y las perspectivas de su uso me producen un estado de ánimo agradable. *Las perspectivas mantienen nuestras vidas*, dice Antonio, cuando se lo comento. Y hablamos entonces de la ausencia de perspectivas como blindaje vital. *Claro, sin perspectivas no hay fracaso*, le digo.

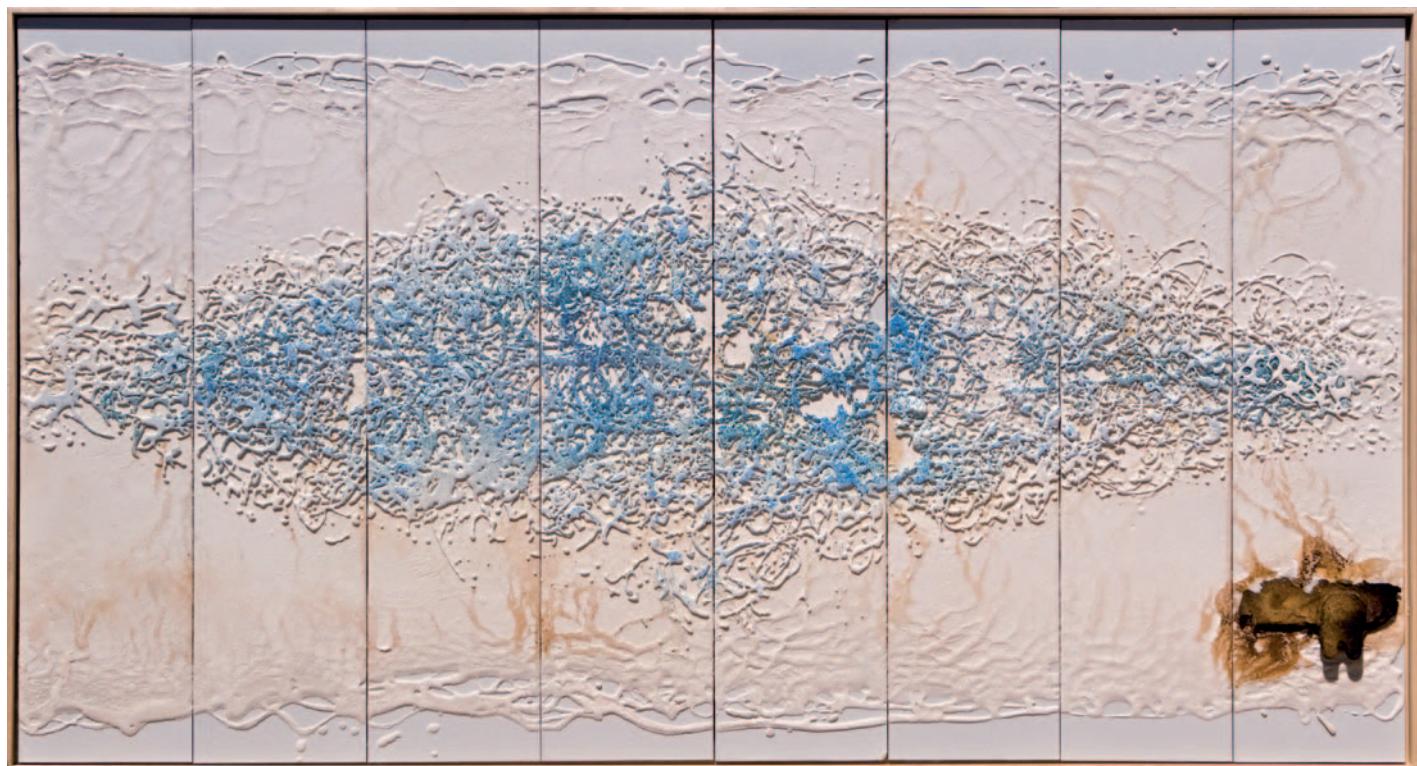
- *Si fuera así, entonces podríamos decidir sobre la posibilidad del fracaso, y eso aún no se ha inventado.*

- *Cierto. Sin perspectivas también ocurre.*

- *Pero menos.*

*Mira Alfonso, he fracaso mil veces, y aquí me tienes. Tú te estampas cada dos por tres, y mírate la carita de felicidad. No creo que nadie viva sin perspectivas; lo que pasa es que cuando no se cumplen siempre encontramos un plan alternativo, y entonces empieza el ciclo de nuevo. Lo importante es el después.*

- *Nos adaptamos.*



Náufragos VI Múltiple de ancho 179,5 x alto 95,5 cms (ensamblaje de 8 piezas)



Para além das pressas por causa da chuva, temo que chegue o empregado da pedreira e nos recrimine e peça explicações. O Antonio tem as mãos nos bolsos e escarnece da minha falta de jeito com a pá. Digo-lhe que nos vão repreender e pergunta-me com sarcasmo o que lhe direi. *Não sei.*

- *Então, dizes que vieste buscar uns sacos de areia.*
- *E vão perguntar-me quem me deu autorização. Que isto vale dinheiro.*
- *Então pagas-lhe, porra. E vai sentar-se a alguns uns metros, para que eu não veja como se ri.*

Además de las prisas por la lluvia, temo por que se acerque el empleado de la cantera y nos reclime o nos pida explicaciones. Antonio tiene las manos en los bolsillos y se mofa de mi torpeza con la pala. Le digo que nos van a reñir y me pregunta con sorna qué le voy a decir. *No sé.*

- *Pues que estas cogiendo unos sacos de arena.*
- *Y me va a decir que con qué permiso. Que esto vale dinero.*
- *Pues entonces le pagas, hostias. Y se marcha a sentarse unos metros más allá, para que no vea como se ríe.*



Náufragos VII Díptico ancho 140 x alto 77 cms



## hierro

### ferro

Esse estuque utilizo-o agora nos quadros de *Náufragos*, poucos anos depois dessa última viagem. Pensei em usar a areia da Praia de *Nossa Senhora*, onde descansa o nosso barco naufragado, mas a textura do estuque é mais amável e além disso é branco: inerte.

*Náufragos*, nasce no silêncio de entardeceres de Verão em Vila Nova de Milfontes e nas longas noites de Outono de Badajoz. Não hesitei em escolher o resto dos autores, porque penso que têm relação com o seu conteúdo e manejam com agilidade o formato que pretendemos.

Na primeira reunião estabelecemos condições, especialmente sobre a fuga dos tópicos. Antonio Sáez mostrase cortante, quase violento. Gostamos da sua posição, todos a aceitamos.

O Professor António Martins situa-me no meio em que decidimos encenar “*Náufragos*”. Creio que foge à realidade da origem do naufrágio, mas como lhe assegurei, isso não é importante. Um barco holandês que termina encalhado numa praia do sudoeste Alentejano e que agora enche as tardes dos meus Verões em Vila Nova.

Esa marmolina la uso ahora para los cuadros de *Náufragos*, pocos años después de ese último viaje. Dudé en usar la arena de la playa de *Nossa Senhora*, donde descansa nuestro barco naufragado, pero la textura de la marmolina es más amable, y además es blanca: inerte.

*Náufragos* nace en el silencio de atardeceres de verano en Vilanova de Milfontes y en el de largas noches otoñales en Badajoz. No dudé al elegir al resto de los autores, porque creo que tienen relación con su contenido y manejan con soltura el formato que pretendemos.

En la primera reunión establecemos condiciones, especialmente sobre la huida de los tópicos. Antonio Sáez se muestra tajante, casi violento. Nos gusta su posición, todos la aceptamos.

El profesor Antonio Martins me sitúa en el entorno en el que decidimos escenificar *Náufragos*. Creo que elude la realidad del origen del naufragio, pero como le aseguré, eso no es importante. Un barco holandés que acaba varado en una playa del suroeste alentejano, y que ahora llena las tardes de mis veraneos en Vilanova.



Náufragos VIII Díptico ancho 140 x alto 77 cms



O barco - assim nos referimos a ele; terá nome, mas nunca nos interessou - leva ali mais de uma dezena de anos, convertido agora numa nova identidade. Já não navega, apenas permanece o seu aspecto. O seu casco foi azul, averiguei isso arranhando a sua pele. Agora é um enorme pedaço de ferro oxidado com forma de barco, imponente, que recolhe os olhares daqueles que passeiam pelo alcantil ou pela praia. Cruzo-me todos os dias com muitos visitantes, de muitas nacionalidades. Desde a praia, junto ao barco, gosto de pensar que uma dessas pessoas que se aproximam é o capitão do barco, que o visita de vez em quando, desde o seu naufrágio. Dei-lhe inclusivamente uma idade e um aspecto. Faço de conta que formulo os seus pensamentos, na sua cabeça.

A obra Náufragos constrói-se lentamente, para alguns com cautela, para outros por indecisão. As obras corais têm a vantagem da interacção, mas também a desvantagem da complexidade que deriva do trabalho em grupo e da dúvida. De não saber a ligação exacta das peças, se é que isso deve realmente ocorrer. Entre estas e as suas linguagens díspares surgem surpresas inesperadas, como a interpretação do sexteto de professores de corda e vento - numa apaixonante tarde do final do Outono, junto ao barco de Vila Nova - da peça *Façades* de *Philip Glass*. Para mim também interpretam os pensamentos do capitão do barco naufragado ou um resumo das nossas intenções. Pode ser que tudo isso, ao mesmo tempo.

El barco -así nos referimos a él; tendrá nombre, pero nunca nos interesó- lleva allí más de una de- cena de años, ahora convertido en una nueva enti- dад. Ya no navega, sólo permanece su aspecto. Su casco fué azul, lo averigué arañando su piel. Ahora es un enorme trozo de hierro oxidado con forma de barco, imponente, que recoge las mira- das de los que pasean por el acantilado o por la playa. Me cruzo a diario con muchos visitantes, de diversas nacionalidades. Desde la playa, junto al barco, me gusta pensar que una de esas personas que se asoman es el capitán del barco, que lo vi- sita de vez en cuando, desde su naufragio. Incluso le he asignado una edad y un aspecto. Juego a formular pensamientos, en su cabeza.

La obra Náufragos se construye con lentitud, para unos por cautela, para otros por indecisión. Las obras corales tienen la ventaja de la interacción, pero también la desventaja de la complejidad que se deriva del trabajo en grupo y de la duda. De no saber la conexión exacta de la piezas, si es que eso realmente debe ocurrir. De entre éstas y sus lenguajes surgen sorpresas inesperadas, como la interpretación del sexteto de profesores de cuerda y viento -en una tarde apasionante de fi- nales de otoño, junto al barco de Vilanova- de la pieza *Façades*, de *Philip Glass*. Para mí también interpretan los pensamientos del capitán del barco naufragado, o un resumen de nuestras in- tenciones. Puede que todo ello, a la vez.



Náufragos IX Díptico ancho 140 x alto 77 cms



## silencio

### silencio

Nas nossas conversas, o Antonio revia a sua vida como uma sequência de avatares. Então, o momento actual - enquanto falamos, no carro - não é mais que um espaço entre eles, em forma de pausa. Muitos podem tê-lo clas- sificado como um homem de sucesso, porque conseguiu levar os seus até onde quis; afirmo-o porque conheço a sua família e alguns dos seus sentimentos. Quando faleceu, a sensação que tínhamos era a de um final assu- mido e simultaneamente o desenlace de uma vida vivida com consciência. De novo, sentimentos contrapostos.

Talvez a sua forma de ir - em silêncio - forme parte da construção da sua identidade. ●

En nuestras charlas, Antonio revisaba su vida como una secuencia de avatares. Entonces, el momento actual - mientras hablamos, en el coche- no es más que un espacio entre ellos, a modo de pausa. Puede que muchos lo calificaran como un hombre de éxito, porque consiguió lle- var a los suyos donde quería; lo afirmo porque conozco a su familia y algunos de sus sentimien- tos. Cuando falleció, la sensación que teníamos era la de un final asumido, y simultáneamente el desenlace de una vida vivida a conciencia. De nuevo, sentimientos contrapuestos.

Puede que su forma de marcharse -en silencio- formara parte de la construcción de su identi- dad. ●





# vanitas

antonio saez delgado



El primer tramo de la calle finaliza en un pequeño solar abandonado, del tamaño de una vivienda, rodeado por un muro.

El muro tiene la altura de un hombre.

El solar forma esquina con una calle perpendicular, allí los pescaderos tiran desperdicios en los contenedores.

Cuando llega el calor, es como si se pudriese el barrio entero.

Paso por esa esquina todos los días, caminando o en coche. Lo hago a menudo con mis hijos de la mano, las aceras son estrechas.

En el centro de la ciudad.

O primeiro tramo da rua finaliza num pequeno solar abandonado, do tamanho de uma moradia, rodeado por um muro.

O muro tem a altura de um homem.

O solar faz esquina com uma rua perpendicular, onde as peixarias atiram desperdícios para os contentores.

Quando chega o calor, é como se o bairro inteiro apodescesse.

Passo por essa esquina todos os dias, a pé ou de carro. Faço-o com frequência levando os meus filhos pela mão, os passeios são estreitos.

No centro da cidade.



O muro que rodeia o solar é feito de blocos cinzentos. Está cheio de fendas e de blocos cinzentos soltos.

A rua é como uma povoação em miniatura: padaria, talho, peixaria e frutaria em trinta metros.

Quando passo por ali com os meus filhos, não consigo evitar avisá-los do perigo. As fendas. Os blocos.

O solar está cheio de lixo e de móveis que os vizinhos arrojam, de noite, por cima do muro.

Vejo-o desde a varanda da minha casa.

Os meus filhos corrigem-me ao avisá-los do perigo: não é um solar, é uma lixeira. A partir de hoje iremos chamá-lo de lixeira. Todos os bairros têm uma lixeira.

Foram essas as suas palavras.

(Eles estão contentes por viver num terceiro andar, nunca tinham vivido tão alto.)

La tapia que rodea el solar está construida con bloques grises. Está llena de grietas y de bloques grises sueltos.

La calle es como un pueblo en miniatura: panadería, carnicería, pescadería y frutería en treinta metros.

Cuando paso por allí con mis hijos, no puedo evitar avisarles del peligro. Las grietas. Los bloques. El solar está lleno de basuras y de muebles que los vecinos arrojan, de noche, por encima del muro.

Lo veo desde el balcón de mi casa.

Mis hijos me corrigen al avisarles del peligro: no es un solar, es un vertedero. Desde hoy lo llamaremos el vertedero. Todos los barrios tienen un vertedero.

Esas fueron sus palabras.

(Ellos están contentos de vivir en un tercer piso, nunca habían vivido tan alto.)



náufragos001



É normal, à noite, ouvir ruídos vindos da lixeira. Os vizinhos que arrojam móveis inservíveis, vagabundos que treparam o muro para ver se há algo útil lá dentro, homens que procuram nos contentores junto ao muro e acabam por subir-se neles para poderem aceder ao interior do terreno. Ao interior da lixeira.

Es normal, por las noches, escuchar ruidos en el vertedero. Vecinos que arrojan muebles inservibles, vagabundos que trepan el muro para ver si hay algo útil dentro, hombres que buscan entre los contenedores, junto al muro, y acaban subiéndose a ellos para poder acceder al interior del terreno. Al interior del vertedero.



(Despierto con la certeza de que hay sueños sedimentarios que resisten el filtro del subconsciente. Por eso se repiten con fidelidad bajo diferentes fórmulas. Debe existir un mecanismo que apura las responsabilidades de la memoria hasta eliminar en los sueños muchos de los sucesos que pueblan nuestra vida, la que no dominamos, en la que no tenemos capacidad de elección. Todos somos niños a medianoche, cuando nos despierta una pesadilla. El miedo es el mismo, no lo he olvidado.)

(Acordo com a certeza de que há sonhos sedimentários que resistem ao filtro do subconsciente. Por isso se repetem com fidelidade sob diferentes fórmulas. Deve existir um mecanismo que apura as responsabilidades da memória até eliminar nos sonhos muitos dos acontecimentos que povoam a nossa vida, a que não dominamos, na qual não temos capacidade de escolha. À meia-noite, quando nos desperta um pesadelo, todos somos crianças. O medo é o mesmo, não o esqueci.)



Um ruído brusco na lixeira. Um homem trepa pelos contentores e salta o muro. Procura entre o lixo e os restos. Salta de novo para fora.

Outro ruído. Como se arrastassem móveis por todas as ruas do mundo.

Cartões. O homem arrasta uns cartões grandes pelo meio da rua e dirige-se aos contentores. Atira-os por cima do muro. Depois salta ele.

Dentro, estende-os no canto mais protegido da luz dos candeeiros, exactamente no ângulo que forma esquina entre as duas ruas.

Fá-lo em silêncio, como quem faz o seu trabalho.

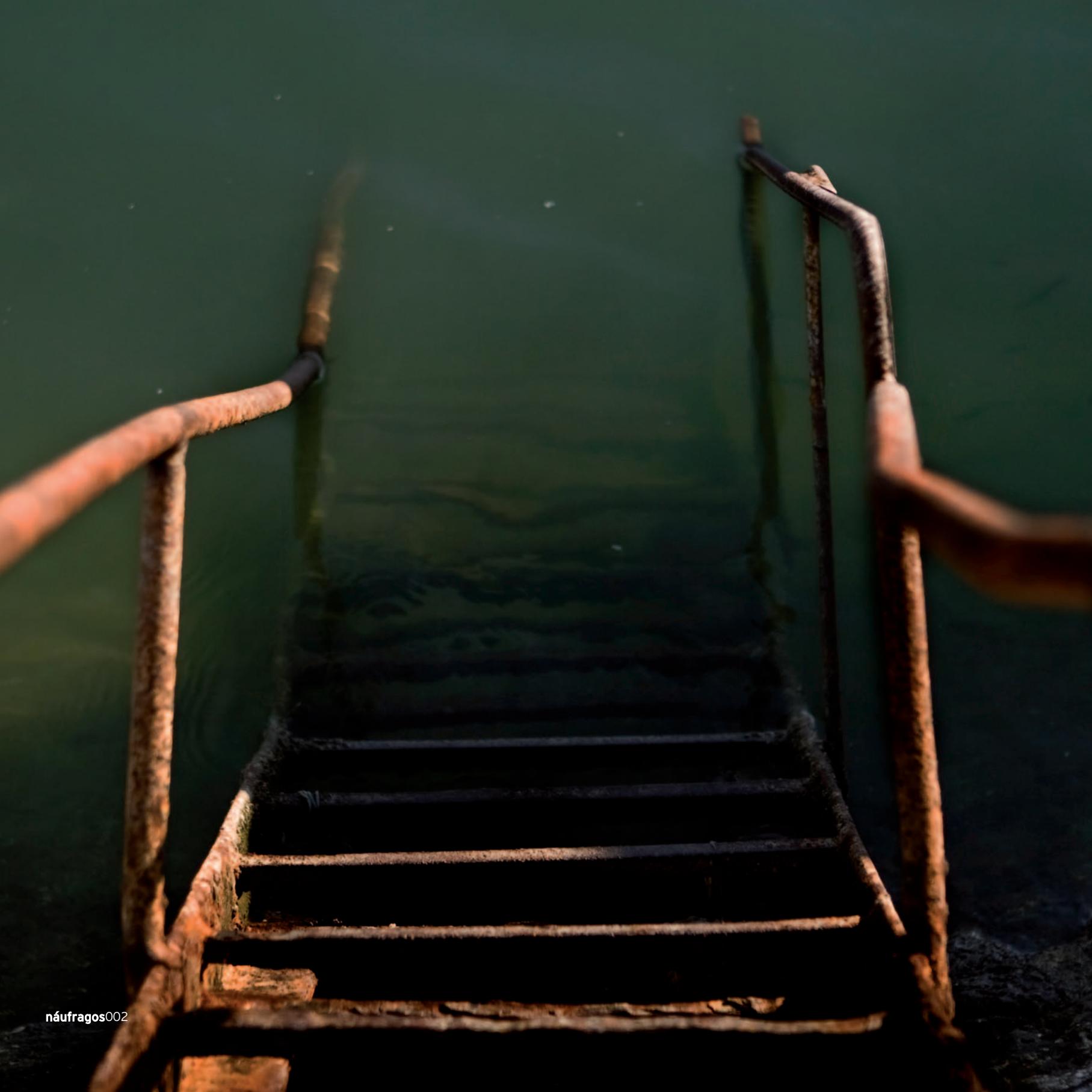
Un ruido brusco en el vertedero. Un hombre trepa por los contenedores y salta el muro. Busca entre las basuras y los ripios. Salta de nuevo afuera.

Otro ruido. Como si arrastrasen muebles por todas las calles del mundo.

Cartones. El hombre arrastra unos cartones grandes por el medio de la calle y se dirige a los contenedores. Los impulsa por encima del muro. Después salta él.

Dentro, los extiende en el rincón más protegido de la luz de las farolas, exactamente en el ángulo que forma la esquina entre las dos calles.

Lo hace en silencio, como quien hace su trabajo.



náufragos002

## vanitas

*Na literatura existe o prestígio da dor.*

*Poderia falar de M e da sua dor.*

*Do grito fechado a meio da noite.*

*Poderia falar de A e da sua incapacidade para viver,  
do silêncio que deixou e da cruel sensação  
de libertação que a sua morte nos produziu.*

*De M e da surpresa que lhe produziu saber que  
havia pessoas que não choravam todos os dias.*

*Poderia falar de I e da sua renúncia às palavras,  
do espaço inacabado em que converteu a nossa relação.*

*Poderia fazê-lo como o fiz outras vezes,  
com a mesma ligereza de quem se escuda no  
narrativo para justificar a sua forma de observar.*

*Não é necessário. As palavras não explicam o mundo,  
só são apenas, frequentemente, a extremidade mais afiada  
da faca da retórica.*

*A literatura alimenta a literatura até à cloaca.*

*As palavras mais belas não o justificam,  
não são suficientes para nos permitirem  
compreender a dor.*

*En la literatura existe el prestigio del dolor.*

*Podría hablar de M y de su dolor.*

*Del grito cerrado en medio de la noche.*

*Podría hablar de A y de su incapacidad para vivir,  
del silencio que dejó y de la cruel sensación  
de liberación que nos produjo su muerte.*

*De M y de la sorpresa que le produjo saber que  
había personas que no lloraban todos los días.*

*Podría hablar de I y de su renuncia a las palabras,  
del espacio inacabado en que convirtió nuestra relación.*

*Podría hacerlo como lo he hecho otras veces,  
con la misma ligereza de quien se escuda en  
lo narrativo para justificar su forma de observar.*

*No es necesario. Las palabras no explican el mundo,  
son sólo, a menudo, el extremo más afilado  
del cuchillo de la retórica.*

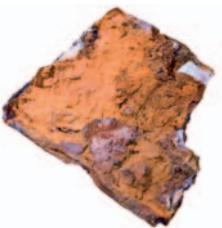
*La literatura alimenta a la literatura hasta la cloaca.*

*Las palabras más bellas no lo justifican,  
no son suficientes para permitirnos  
comprender el dolor.*



El ruido de los contenedores comienza a hacerse familiar. El hombre del vertedero salta a diario para introducirse en su territorio. Acumula mantas viejas, cartones. Duerme sobre un lecho de colores, sobre un montón de trapos enmarañados que, por la noche, parecen animales.

O ruído dos contentores começa a tornar-se familiar. O homem da lixeira salta diariamente para se introduzir no seu território. Acumula mantas velhas, cartões. Dorme sobre um leito de cores, sobre um monte de trapos emaranhados que, à noite, parecem animais.



O seu riso acorda-me a meio da noite. Uma gargalhada estridente, longa. A gargalhada de um louco. Salto da cama para me assomar à varanda. O homem da lixeira está deitado, a fumar. E ri-se sem piedade. O seu riso ressoa no silêncio da rua.

(Também fala sozinho, diz coisas em voz baixa que culminam com o seu riso estentóreo.)

Ao chegar o dia dou-me conta de que o homem da lixeira dorme sobre um colchão que cobriu com os cartões e os trapos. Um colchão grande e sujo, quase negro.

Su risa me despierta en medio de la noche. Una carcajada rotunda, larga. La carcajada de un loco. Salto de la cama para asomarme al balcón. El hombre del vertedero está tumbado, fumando. Y ríe sin piedad. Su risa resuena en el silencio de la calle.

(También habla solo, dice cosas en voz baja que culmina con su risa estentórea).

Al llegar el día me doy cuenta de que el hombre del vertedero duerme sobre un colchón que ha cubierto con los cartones y los trapos. Un colchón grande y sucio, casi negro.



náufragos003

## vanitas

*Uma lista de palavras proibidas  
numa lista de sentimentos proibidos.  
Por cobardia. Por vergonha.  
Eliminar as palavras gastas,  
as erodidas pelo passar do tempo.  
As que significam exactamente o contrário  
de há alguns anos.  
Eliminar as palavras ocas,  
as que estavam cheias de pessoas  
e são agora casas desabitadas.  
Eliminar, como regra geral,  
todas as palavras desabitadas.  
(Por exemplo, fracasso, solidão, vazio.  
Por exemplo nostalgia, medo, desejo.  
Por exemplo alguns nomes próprios.)*

*Una lista de palabras prohibidas significa  
una lista de sentimientos prohibidos.  
Por cobardía. Por vergüenza.  
Eliminar las palabras gastadas,  
las erosionadas por el paso del tiempo.  
Las que significan justo lo contrario  
que hace unos años.  
Eliminar las palabras huecas,  
las que estaban llenas de personas  
y son ahora casas deshabitadas.  
Eliminar, como regla general,  
todas las palabras deshabitadas.  
(Por ejemplo fracaso, soledad, vacío.  
Por ejemplo nostalgia, miedo, deseo.  
Por ejemplo algunos nombres propios.)*



náufragos004



Algumas noites o homem da lixeira não dorme no seu lugar habitual. Quase poderia dizer não vem dormir. Passa uma ou duas noites fora da sua cama (faz três semanas que é a sua cama).

Converteu-se num hábito assomar-me à varanda para comprovar que o homem está na lixeira.

É uma rotina.

(A残酷 é uma, outra rotina.)

Algunas noches el hombre del vertedero no duerme en su lugar habitual. Casi podría decir no viene a dormir. Pasa una o dos noches fuera de su cama (hace tres semanas que es su cama).

Se ha convertido en un hábito asomarme al balcón para comprobar si el hombre está en el vertedero.

Es una rutina.

(La残酷 es una, otra rutina.)



náufragos005



Não contei aos meus filhos que um vagabundo dorme na "lixeira do bairro". São demasiado pequenos para o compreender, disse-me. Com essa moral absurda de quem quer proteger alguém que considera mais débil. Com a dupla moral inumana de quem contempla o espetáculo da miséria.

No les he contado a mis hijos que un vagabundo duerme en "el vertedero del barrio". Son demasiado pequeños para entenderlo, me he dicho. Con esa moral absurda de quien quiere proteger a alguien que considera más débil. Con la doble moral inhumana de quien contempla el espectáculo de la miseria.



náufragos006



Esta noite o homem da lixeira grita e chora como uma criança com voz de adulto. A sua mensagem: prantos e gemidos. Retorce-se sobre a cama como se cães lhe mordessem. Grita, depois volta o silêncio e depois grita de novo. Acendem-se as luzes de alguns vizinhos.

Esta noche el hombre del vertedero grita y llora como un niño con voz de adulto. Su mensaje: llantos y quejidos. Se retuerce sobre la cama como si le mordiesen perros. Grita, después vuelve el silencio y después grita de nuevo. Las luces de algunos vecinos se encienden.



náufragos007

## vanitas

*Os demais vivem  
nos subúrbios de mim mesmo.*      *Los demás viven  
en los suburbios de mí mismo.*



Comienza el otoño. Hace dos meses que no llueve. Consulto la predicción meteorológica con la sensación de quien tiene alguien a quien avisar de un peligro. La semana será tranquila.

Começa o Outono. Há dois meses que não chove. Consulto a previsão meteorológica com a sensação de quem tem alguém a quem avisar de um perigo. A semana será tranquila.



À noite, toda a rua cheira a carne assada. O cheiro mete-se dentro das casas. Assomo-me à varanda e vejo uma luz cintilante dentro da lixeira. O homem está sentado sobre os blocos cinzentos, acendeu uma fogueira com cartões e madeiras e põe sobre o fogo, atravessados por pedaços de arame, pequenas peças de carne.

Sai fumo.

Alimenta-se.

O odor, custa dizê-lo, a carne assada. Um tiro na consciência.

Ao seu lado tem um pequeno aparato de rádio com música.

Por la noche toda la calle huele a carne asada. El olor se mete dentro de las casas. Me asomo al balcón y veo una luz centelleante dentro del verteradero. El hombre está sentado sobre dos bloques grises, ha encendido una fogata con cartones y maderas y pone sobre el fuego, atravesados por trozos de alambre, pequeños pedazos de carne.

Sale humo.

Se alimenta.

El olor, cuesta decirlo, a carne asada. Un disparo en la conciencia.

A su lado tiene un pequeño aparato de radio con música.





Mudei o lugar onde leo habitualmente à noite para poder estar mais atento à lixeira. Desde aqui, apenas girando a cabeça, vejo o colchão e os cartões e os trapos enrugados.

E o homem.

O homem da lixeira não dorme sozinho hoje. Um corpo miúdo, de mulher, descansa ao seu lado. Não se ouve a sua voz, não se movem nem se tocam.

Dormem.

He cambiado el lugar en el que leo habitualmente por las noches para poder estar más atento al vertedero. Desde aquí, con tan sólo girar la cabeza, veo el colchón y los cartones y los trapos arrugados.

Y al hombre.

El hombre del vertedero no duerme hoy solo. Un cuerpo menudo, de mujer, descansa a su lado. No se oye su voz, no se mueven ni se tocan.

Duermen.



Otra vez las voces, los gritos, las risas. Tiene una botella en la mano. Está solo. Las ventanas abiertas, hace calor. Los gritos se introducen hasta el fondo de cada casa. Avisan de su presencia.

Por la mañana cubre el colchón y los cartones con plásticos y piedras.

Hace fuego (los cartones húmedos y el humo). Enciende la radio.

Come.

Outra vez as vozes, os gritos, as risadas. Tem uma garrafa na mão. Está sozinho. As janelas abertas, faz calor. Os gritos introduzem-se até ao fundo de cada coisa. Aviam da sua presença.

Pela manhã cobre o colchão e os cartões com plásticos e pedras.

Faz fogo (os cartões húmedos e o fumo). Acende o rádio.

Come.



O homem da lixeira fixa umas cordas entre os muros.  
Estende um lençol, trapos e mostradores de tecidos coloridos excluídos por alguma loja próxima. Pendura cabides de plástico das cordas.

Um cabide vazio preso de uma corda no meio da lixeira.  
Uma imagem, poderíamos dizer, arrepiante.

(As metáforas são, geralmente, muito dadas às frivolidades).

El hombre del vertedero fija unas cuerdas entre los muros. Tiende una sábana, trapos y muestrarios de telas de colores desechados por alguna tienda cercana. Cuelga perchas de plástico de las cuerdas.

Una percha vacía colgada de una cuerda en medio del vertedero. Una imagen, podríamos decir, escalofriante.

(Las metáforas son, por lo general, muy dadas a las frivolidades).



náufragos009

## vanitas

*Por vezes a felicidade depende  
mais daquilo de que careces,  
do que perdeste,  
que daquilo que tens.*

*A veces la felicidad depende  
más de lo que careces,  
de lo que has perdido,  
que de lo que tienes .*



(Es una frivolidad pensar, después de una mirada social, al mismo tiempo que se escribe sobre el hombre del vertedero. La historia del hombre del vertedero. El relato de sus días. Es un golpe continuo en el costado.)

(É uma frivolidade pensar, depois de um olhar social, ao mesmo tempo que se escreve sobre o homem da lixeira. A história do homem da lixeira. O relato dos seus dias. É um golpe continuo nas costas.)



Saio para comprar o pão e vejo que as obras de canalização do gás na rua avançam rapidamente. A perfuradora está a uns trinta metros da lixeira. Um perigo: a linha que perfuraram, no passeio em frente da minha casa, passa exactamente no lugar onde o homem tem instalada a sua casa. O muro da lixeira mete-se na linha da rua, invadindo-a em aproximadamente um metro. Amanhã as obras chegarão a esse ponto.

Salgo a comprar el pan y compruebo que las obras de canalización del gas en la calle avanzan rápido. La perforadora está a unos treinta metros del vertedero. Un peligro: la línea que perforan, en la acera frente a mi casa, pasa exactamente por el lugar en el que el hombre tiene instalada su casa. El muro del vertedero se mete en la línea de la calle, invadiéndola aproximadamente un metro. Mañana las obras llegarán a ese punto.



Llego por la tarde y veo que nuestro tramo de la calle está cortado al tráfico y lleno de máquinas.

Una empresa realiza las acometidas (esa es la palabra que han utilizado al responderme) para la instalación del gas ciudad. Al asomarme al balcón, compruebo que han perforado la acera a ras del muro. Algunos bloques han caído. Más grietas.

El muro está apuntalado con barras de hierro, la perforación ha levantado también los cimientos de la construcción de bloques.

Las perchas de plástico, las ropas tendidas, los muestrarios de tejidos. Todo por los suelos.

El hombre del vertedero no ha vuelto.

Chego pela tarde e vejo que o nosso tramo da rua está cortado ao trânsito e cheio de máquinas. Uma empresa realiza as instalações (essa é a palavra que utilizaram ao responder-me) para a instalação do gás na cidade. Ao assomar-me à varanda, comprovo que perfuraram o passeio ao rés do muro. Alguns blocos caíram. Mais fendas.

O muro está escorado com barras de ferro, a perfuração levantou também as fundações da construção de blocos.

Os cabides de plástico, as roupas estendidas, as vitrinas de tecidos. Tudo pelo chão.

O homem da lixeira não voltou.

## vanitas

*Quando eu faltar,  
de que poderei sentir a falta?      Cuando yo falte,  
¿qué podrá echar de menos?*





Os vizinhos queixam-se do estado de abandono do solar (assim o indica o jornal, eco da denuncia pública). Dois homens recolhem o lixo e metem-no numa camioneta municipal. Pouco depois uns operários com fatos-de-macaco cinzentos revestem o muro com cimento, colocam blocos onde faltavam, derrubam as partes mais danificadas pela obra de canalização.

Reconstroem alguns fragmentos. ●

Los vecinos se quejan del estado de abandono del solar (así lo indica el periódico, que se hace eco de la denuncia pública). Dos hombres reconocen la basura y la introducen en una camioneta municipal. Poco después unos operarios con monos grises revisten el muro con cemento, colocan bloques donde faltaban, derriban las partes más dañadas por la obra de canalización.

Reconstruyen algunos fragmentos. ●





# de naufragios y de naufragos

javier cano

## antes del naufrágio

Tres batallas liberta permanentemente el hombre. La religión, la sociedad y la naturaleza han sido y son los campos en los que nuestra condición choca consigo misma para hacernos saber que la razón no es más que el fracaso y que somos meras *máquinas* destinadas a la supervivencia. Robert Laffont en *Los Trabajadores del Mar* así lo exponía hace más de veinte años. Estas batallas, también deseos, tienen sus metáforas correspondientes en el templo, la ciudad y el navío. Tres conceptos que siempre han apelado a principios universales para sobreponerse, pero lo cierto es que para sobrevivir han sido necesarias las exclusiones y los resurgimientos. De ahí que hoy Francis Fukuyama hable del fin de la historia, Samuel Huntington del choque de civilizaciones, Michael J. O'Neill de la multitud atronadora, Robert Kaplan de la anarquía que viene, Jean Marie Guéhenno del fin de la democracia, Serge Latouche de la occidentalización del mundo, Alexander Demandt del tiempo final y, recientemente, Claudio Magris de la historia que no ha terminado. Con tantos y tantos conceptos cabe pensar que estamos ante nuestro propio naufragio.



### antes do naufrágio

Três batalhas livra permanentemente o homem. A religião, a sociedade e a natureza foram e são os campos nos quais a nossa condição choca consigo mesma para fazer-nos saber que a razão não é mais que o fracasso e que somos meras máquinas destinadas à sobrevivência. Robert Laffont em *Os trabalhadores do Mar* assim o expunha há mais de vinte anos. Estas batalhas, também desejos, têm as suas metáforas correspondentes no templo, a cidade e o navio. Três conceitos que sempre apelaram a princípios universais para se sobrepor, mas o certo é que para sobreviver foram necessárias as exclusões e os ressurgimentos. Daí que actualmente Francis Fukuyama fale do fim da história, Samuel Huntington do choque de civilizações, Michael O' Neill da multidão estrondosa, Robert Kaplan da anarquia vindoura, Jean Marie Guéhenno do fim da democracia, Serge Latouche da occidentalização do mundo, Alexander Demandt do tempo final e, recentemente, Claudio Magris da história que não terminou. Com tantos e tantos conceitos devemos pensar que estamos perante o nosso próprio naufrágio.



A nova aventura dos intelectuais, depois dos atentados de Nova Iorque, Madrid e Londres, pôs de manifesto como a articulação da sociedade se vem revestindo de um falso pluralismo, como a desinformação cresce de acordo com a “crença” de que a maioria não entende a “evolução dos acontecimentos”: a sociedade democrática pôs-se em dúvida desde algumas décadas e enquanto uma ordem social move-se na indiferença mais absoluta. Fala-se de uma nova ideia do privado, baseando-se nas estratégias políticas e empresariais, da cibernetica e as novas ideologias, do ecologismo como instrumento de manipulação, da transcrição e essa delicada e complexa tarefa de transladar o pensamento, de um novo humanismo de cunho raciovitalista que enfrenta o elitismo, o niilismo e o totalitarismo... existem tantas saídas que parece que uma vez mais nos enfrentamos a um futuro incerto; um futuro ante o qual há que reformular os limites e os valores: um trabalho, seguindo a ideia de Remo Bodei, de escavação, de inventário e de desescombro.

La nueva aventura de los intelectuales, tras los atentados de Nueva York, Madrid y Londres, ha puesto de manifiesto cómo la articulación de la sociedad se viene revistiendo de un falso pluralismo, cómo la desinformación crece a tenor de la “creencia” de que la mayoría no entiende “*la evolución de los hechos*”: la sociedad democrática se ha puesto en tela de juicio desde hace algunas décadas, y mientras un orden social se mueve en la indiferencia más absoluta. Se habla de una nueva idea de lo privado, basándose en las estrategias políticas y empresariales, de la cibernetica y las nuevas ideologías, del ecologismo como instrumento de manipulación, de la transcreación y esa delicada y compleja tarea de trasladar el pensamiento, de un nuevo humanismo de cuño raciovitalista que se enfrenta al elitismo, al nihilismo o al totalitarismo... se barajan tantas salidas que parece que una vez más nos enfrentamos a un futuro incierto; un futuro ante el que hay que replantearse los límites y los valores: un trabajo, siguiendo la idea de Remo Bodei, de excavación, de inventario y de desescombro.



náufragos011



A pós-modernidade, com todos os seus desencaixes, a sua confusão, a sua indiferença, a sua projecção privada... vem a ser uma estranha *Caja de Pandora* nas mãos de muitos. Aberta de par em par e animada pelo mundo informático, o homem - antes esta panaceia - encontra-se só para admirá-la e essa solidão forma par, talvez, com a decepção e o próprio naufrágio. Será um sinal dos tempos? O raciocínio da Ilustração passou e a modernidade, defendida até às suas últimas consequências, quebrou-se em Paris num mês de Maio.

A crítica era necessária para reviver esse espírito, mas diluiu-se com os tempos de crise e de bonança dos anos setenta e da feliz década de oitenta. O novo mundo desenvolveu-se rapidamente e os nossos olhares só alcançam horizontes bastante esfumados: os amos do Universo, donos dessa caixa de trovões, abandonam este barco extraviado chamado Terra e os naufragos apenas aplaudem, como escreveria Henri Lefebvre há mais de cinquenta anos em *Vers le cyberanthrope, contre les technocrates*.

La posmodernidad, con todos sus desenajos, su borrosidad, su indiferencia, su proyección privada... viene a ser una extraña *Caja de Pandora* en manos de muchos. Abierta de par en par y jalada por el mundo informático, el hombre -ante esta panacea- se encuentra sólo para admirarla, y esa soledad va pareja, quizá, a la decepción y al propio naufragio. ¿Será un signo de los tiempos? El raciocinio de la Ilustración ha pasado y la modernidad, defendida hasta sus últimas consecuencias, quebró en París un mes de mayo.

La crítica era necesaria para revivir ese espíritu, pero se diluyó con los tiempos de crisis y de bonanza de los años setenta y de feliz década de los ochenta. El nuevo mundo se ha desplegado de prisa y nuestras miradas sólo abarcan horizontes bastante difuminados: los amos del universo, dueños de esa caja de truenos, abandonan este barco extraviado llamado Tierra, y los naufragos sólo aplauden, como escribía Henri Lefebvre hace más de cincuenta años en *Vers le cyberanthrope, contre les technocrates*.



Basta, por poner un ejemplo dentro del ámbito artístico, los dos polos que conforman este naufragio. De Denis Diderot a Fernando Castro Flórez la Historia ha hecho mella y nos ha dejado huérfanos. De aquella visión, quizá algo ñoña ya, que nos decía *"Cuando hemos contemplado durante mucho tiempo un paisaje como el que acabamos de esbozar, creemos haberlo visto todo. Nos equivocamos; en él encontramos infinidad de cosas de un valor..."* <sup>1</sup>, hemos pasado a otra que se expresa en términos casi ilegibles, como *"...los radicalismos terminan por confesar su estructura paródica, la abstracción deriva hacia una ornamentalidad auto-satisficha y el conceptualismo revela, en muchos casos, una impotencia ideológica mayúscula..."* <sup>2</sup>, a no entender prácticamente nada. ¿Qué ha pasado en estos doscientos cuarenta y un años, desde el Salón parisino de 1761 a las *Escaramuzas* de 2002? Al

Basta, por dar um exemplo dentro do âmbito artístico, os dois pólos que formam este naufrágio. De Denis Diderot a Fernando Castro Flórez a História deixou uma brecha e deixou-nos órfãos. Daquela visão, talvez algo tonta, que nos dizia *"Quando contemplámos durante muito tempo uma paisagem como a que acabamos de esboçar, pensamos ter visto tudo. Enganamo-nos; nela encontramos uma infinidade de coisas de um valor..."* Ninguém conhece como Boucher a arte da luz e das sombras<sup>1</sup>, passámos a outra que se expressa em termos quase ilegíveis, como *"...os radicalismos terminam por confessar a sua estrutura paródica, a abstracção deriva até uma ornamentalidade auto-satisfeta e o conceptualismo revela, em muitos casos, uma impotência ideológica maiúscula..."*<sup>2</sup>, a não entender praticamente nada. Que se passou nestes duzentos e quarenta e um anos, desde o Salão parisiense de 1761 até às *Escaramuzas* de 2002? À margem de ver uma paisagem ou

<sup>1</sup>DIDEROT, D., "Pastorales y paisajes de Boucher", (Salón de 1761) en *Orígenes periodísticos de la crítica de arte: recopilación de críticas periodísticas*, Academia Nacional de Periodismo, Buenos Aires, 2001.

<sup>2</sup>CASTRO FLOREZ, F., "Escaramuzas", en *Arte, Individuo y Sociedad* Vol. 14, 2002, p. y ss. 107.

<sup>1</sup>DIDEROT, D., "Pastorais e paisagens de Boucher" (Salão de 1761) em *Origens jornalísticas da critica de arte: recompilação de criticas jornalísticas*, Academia Nacional de Jornalismo, Buenos Aires, 2001.

<sup>2</sup>CASTRO FLORES, F., "Escaramuzas" em *Arte, Indivíduo e Sociedade* Vol. 14, 2002, p. Y SS. 107.



uma natureza pitoresca a contemplar outra mais sublime, depois conceptual e finalmente virtual e inclusivamente mais além do que se espera quando hoje se manipula genéticamente e à margem de ter passado de uma atitude dialogante a uma quase dogmática, o naufrágio, numa sociedade com poucas contemplações, onde a História se fragmenta ao gosto de cada um, o único resultado é um balanço de caiucos na linha horizontal do Mediterrâneo que vemos como algo assim mesmo virtual. Estamos de novo perdidos e confusos ao não sabermos distinguir, como o pintor François Boucher nos mostrou, a luz da sombra e submergimos num magma onde ornato, complacência e pensamento único se entremisturam. A linha sobre a qual estamos a andar não pode ser mais fina. Enchemos o planeta de discursos, de grandes palavras, de noções (qual a mais importante) e a decepção esteve presente apesar das grandes lições que o século XX nos deu.

margen de ver un paisaje o una naturaleza pitoresca a contemplar otra más sublime, conceptual después, y finalmente virtual, e incluso más allá de lo que cabe esperar cuando hoy se manipula genéticamente, y al margen de haber pasado de una actitud dialogante a una casi dogmática, el naufragio en una sociedad con pocas contemplaciones, donde la Historia se trocea a gusto de cada uno, lo único que arroja como resultado es un balance de cayucos en la línea horizontal del Mediterráneo que, incluso haciendo un esfuerzo, pueden pasar de ser un hecho *heroico* a una noticia que la vemos como algo asimismo virtual. De nuevo estamos perdidos y confusos al no saber distinguir, como el pintor François Boucher nos mostró, la luz de la sombra, y nos sumergimos en un magma donde ornato, complacencia y pensamiento único se entremezclan. La línea sobre la que estamos andando no pude ser más fina. Hemos llenado el planeta de discursos, de grandes palabras, de nociones (a cuál más importante), y la decepción ha hecho acto de presencia a pesar de las grandes lecciones que el siglo XX nos ha enseñando.



náufragos012



## el naufragio

### o naufrágio

O mar vai impondo paulatinamente as suas condições sobre o homem. Acaba vendido, fundido nele. A vitória do mar deixa-se notar; as formas começam a desaparecer e a "audácia" da natureza mostra-se uma vez mais. O homem deixou de ser o centro e o delírio de toda uma sociedade faz com que as certezas que trouxe o século das luzes se apaguem e parece que o projecto fica inconcluído. O tempo depois da história começou: *o sem-abrigo* (para utilizar um termo pós-moderno e politicamente correcto) ficou de momento sem cartões e sem cabides e a lixeira passou a ser um solar digno de especulação.

El mar va imponiendo paulatinamente sus condiciones sobre el hombre. Acaba vendido, hundido en él. La victoria del mar se deja notar; las formas comienzan a desaparecer y la "audacia" de la naturaleza se muestra una vez más. El hombre ha dejado de ser el centro y el delirio de toda una sociedad hace que las certezas que trajo el siglo de las luces se apaguen, y parece que el proyecto queda inconcluso. El tiempo después de la historia ha comenzado: *el sintecho* (por utilizar un término posmoderno y políticamente correcto) se ha quedado de momento sin cartones y sin perchas, y el vertedero ha pasado a ser un solar digno de especulación.



náufragos013

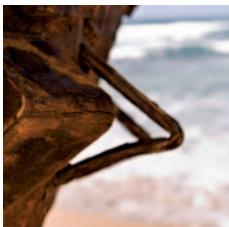


## después del naufragio

### depois do naufrágio

Esta breve reflexão, ao fio de um barco encalhado na costa atlântica e depois de uma azarenta travessia por mares de sargazos serve, talvez, para saber que temos um futuro, esses *dias* que vêm depois do naufrágio. Depois dos vaivenés e êxodos que o homem do século XX protagonizou, depois de acreditar nas ideias de progresso e de inovação, depois das incertezas criadas pelas guerras, em cujo fundo sempre bate a fé, depois de partir a sociedade inteira e estar sob a ameaça de alterações climáticas e uma crise económica (sempre a pior de todas as que já houve), depois desse laicismo de plástico que se vende a peso e depois de passar por cima da “*arte da conversação*” que nos impuseram desde a crítica ou desde o sonho das novas tecnologias, como se nos dessem os últimos sacramentos, encontramo-nos nesses dias, no *agora*.

Esta breve reflexión, al hilo de un barco varado en la costa atlántica y pasada una azarosa travesía por mares de sargazos sirve, quizá, para saber que tenemos un futuro, esos *días* que vienen después del naufragio. Tras los vaivenes y los éxodos que el hombre del siglo XX ha protagonizado, después de creer en las ideas de progreso e innovación, después de las incertidumbres creadas por las guerras, en cuyo fondo siempre late la fe, tras quebrar la sociedad entera y estar bajo la amenaza de un cambio climático y una crisis económica (siempre la peor de todas cuantas ha habido), tras ese laicismo de plástico que se vende al peso y tras pasar por encima del “*arte de la conversación*” que nos han impuesto desde la crítica o desde el sueño de las nuevas tecnologías, como si nos diesen los últimos sacramentos, nos encontramos en esos días, en el *ahora*.

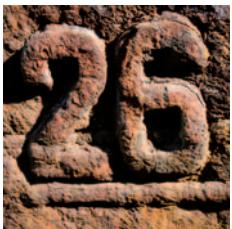


Y la pregunta que nos repetimos como un címbalo que tañe es: ¿qué pasa? Pandora o la razón, el fracaso o la certeza, el valor o la *ornamentalidad*. Y no sabemos responder. La dualidad está muy bien expresada en esas fotografías, en esos fragmentos oxidados de lo que fuera otrora un carguero y ahora son espectros, en ese ensayo desnudo que sólo quieren esbozar y dar sentido a aquello que con toda probabilidad no lo tiene. Ahí se resume toda la vida, ahí están esas cartas para los náufragos donde no hemos de olvidar que la ruta de la muerte también forma parte de la travesía.

La exposición *La belleza del fracaso/El fracaso de la belleza* recogía en octubre de 2004 algunos aspectos de esa azarosa travesía; una serie de cuestiones que hoy han fundido por completo aquella buena intención, demagógica en sí misma, de los llamados *Objetivos de Desarrollo del Milenio*. Así ha naufragado esa sociedad nueva, ideal, la que no existe, incluso se ha estado al borde del abismo cuando apelando a factores biológicos hacemos culturas falsas; ha naufragado la arquitectura utópica y la revolución plástica de todas las vanguardias dejando atrás la síntesis de todas las artes, la transfor-

E a pergunta que nos repetimos como um címbalo que toca é: o que se passa? Pandora ou a razão, o fracasso ou a certeza, o valor ou a *ornamentalidade*. E não sabemos responder. A dualidade está muito expressa nessas fotografias, nesses fragmentos oxidados do que outrora foi um cargueiro e agora são espectros, nesse ensaio nu que apenas quer esboçar e dar sentido àquilo que com toda a probabilidade não o tem. Aí se resume toda a vida, aí estão essas cartas para os náufragos onde não havemos de esquecer que a rota da morte também faz parte da travessia.

A exposição *A beleza do fracasso/O fracasso da beleza* reuniu em Outubro de 2004 alguns aspectos dessa avara travessia; uma série de questões que hoje fundiram por completo aquela boa intenção, demagógica em si mesma, dos chamados *Objectivos de desenvolvimento do milénio*. Assim naufragou essa sociedade nova, ideal, a que não existe, inclusivamente se esteve à beira do abismo quando, apelando a factores biológicos fizemos falsas culturas; naufragou a arquitectura utópica e a revolução plástica de todas as vanguardas deixando para trás a síntese de todas as artes, a trans-



formação estética que por um momento pensou em mudar a sociedade; naufragou a regresso da natureza que tanto cativou uma parte dos intelectuais; a ordem mundial redesenha-se, Oriente e Ocidente são dois planetas cada vez mais distantes, *la aliança* é um brinde e a moda, o consumo e a vida rápida (sem sentido) e as telenovelas invadem tudo; a amoralidade e o oportunismo fazem frente à procura de respostas morais e a terceira via, a cavalo entre o neoliberalismo e a socialização faz água por toda a parte: podemos passar de um lado para o outro em frações de segundos; como um presidente um minuto que antes de declarar guerra ao mundo inteiro só se preocupa com a sua imagem; naufragaram os meios de comunicação e ao manipulá-los a incomunicação parece algo quotidiano porque ninguém escuta. A alteração dos conceitos de tempo e espaço faz com que tenhamos outra visão e outra orientação não se sabe até onde. Mas também, nesse fundo da Caixa de Pandora existem os avanços científicos e artísticos, o bem-estar, os estilos de vida e, sobretudo, existem outros solares, outros cartões e outros cabides onde viver e com os quais contar. A ironia é a nossa tabela de náufragos. ●

mación estética que por un momento pensó en cambiar la sociedad; ha naufragado la vuelta a la naturaleza que tanto cautivó a una parte de los intelectuales; el orden mundial se desdibuja, Oriente y Occidente son dos planetas cada vez más distantes, *la alianza* es un brindis y la moda, el consumo, la vida rápida (sin sentido) y las telenovelas lo invaden todo; la amoralidad y el oportunismo hace frente a la búsqueda de respuestas morales y la tercera vía, a caballo entre el neoliberalismo y la socialización hace aguas por todas partes: podemos pasar de un lado a otro en fracciones de segundos; igual que un presidente un minuto antes de declarar la guerra al mundo entero sólo le preocupa su imagen; han naufragado los medios de comunicación, y al manipularlos la incomunicación parece algo cotidiano porque nadie escucha. El cambio de los conceptos de tiempo y espacio hace que tengamos otra visión y otra orientación hacia no se sabe dónde. Pero también, en ese fondo de la Caja de Pandora existen los avances científicos y artísticos, el bienestar, los estilos de vida y, sobre todo, existen otros solares, otros cartones y otras perchas donde vivir y con los que contar. La ironía es nuestra tabla de náufragos. ●



# naufragio

antonio martins quaresma



náufragos014



Madrugada tempestuosa, nesse Outono adiantado de 1996. Vento de oeste, forte e húmido, soprando sobre a costa um ar saturado de sal e de memórias esfumadas de veleiros que alijavam carga e esperança. Os pescadores tinham-se abrigado no Canal e a vila dormia ainda.

Ao largo, surgido detrás da pedra da Atalaia, o vulto compacto de um pequeno, mas robusto, barco de ferro, que se dirigiu à embocadura do Mira, onde a rebentação alterosa lhe barrou a entrada. Vogou, então, para norte, até à ponta do Ladoiro, mas, subitamente, voltou a trás, iniciando um andamento errático de aproximação e afastamento da costa. Diz quem viu que a tripulação parecia querer encalhar o barco - desespero? cálculo? - e buscava, hesitante, um ponto propício.

Madrugada borrascosa, en ese precoz otoño de 1996. Viento del oeste, fuerte y húmedo, soplando sobre la costa con un aire saturado de sal y memorias esfumadas de veleros que aligeraban cargamento y esperanzas. Los pescadores están resguardados en el Canal y la villa aún duerme.

A lo lejos, surgido detrás de la piedra de la Atalaia, el bulto compacto de un pequeño, pero robusto, barco de hierro, se dirige a la embocadura del Mira, donde el fuerte oleaje le impide la entrada. Vaga entonces hacia el norte, hasta la punta del Ladoiro, pero, súbitamente, vuelve atrás iniciando un deambular errante que ora lo aproxima a la costa, ora lo aleja de ella. Aquellos que vieron la escena aseveran que la tripulación parecía querer hacer encallar el barco - ¿desesperación?, ¿frío cálculo?- y buscaba, indecisa, un punto propicio a tal efecto.



náufragos015



Finalmente, fustigada pelo vento e pela vaga, a embarcação aproou à terra, diante da exígua e calcolítica praia de Nossa Senhora, como se a evocação sagrada do sítio chamasse, paradoxalmente, a protestante tripulação. Enfiou pelo carreiro, esbarrando, com som cavo, nos rochedos que o ladeavam, até que uma onda maior a atirou para o areal, à primeira luz da aurora. E ali ficou, sacudida pela ondulação de preia-mar, em convulsões líquidas de água e espuma.

Não se sabia, então, mas tinha sido o fim da sua última viagem. Depois de muito navegar nos mares revoltos do Norte, a embarcação quedou-se, para sempre, numa pequena praia do Sul, onde, destroço solitário e misterioso, ainda evoca aquela madrugada longínqua e dramática. E onde, silenciosamente, a sua matéria, penetrada pelo ar e pelo sal, gasta pelos elementos, se vai caldeando, integrando, em partículas minúsculas, no meio que a acolheu.

Praia de perdição ou de salvação? ●

Finalmente, fustigada por el viento y el oleaje, la embarcación se dirige a tierra, delante de la pequeña playa calcárea de Nuestra Señora, como si la evocación sagrada del sitio llamase, paradójicamente, a la contestataria tripulación. Se va aproximando hacia ella colisionando, con un sonido cavernoso, contra las rocas que lo rodean, hasta que, rayando el alba, una ola mayor la lanza hacia el arenal. Y allí queda, sacudida por la ondulación de la marea alta, en convulsiones líquidas de agua y espuma.

No se sabía entonces, pero ese fue el fin de su último viaje. Después de mucho navegar por los turbulentos mares del Norte, la embarcación se quedó, para siempre, en una pequeña playa del Sur, donde, como una ruina solitaria y misteriosa, ahora evoca aún aquella lejana y dramática madrugada; y donde, silenciosamente, su propia materia, violada por el aire y por la sal, erosionada por los elementos, se va fundiendo, integrándose en partículas minúsculas con el medio que la acoge.

¿Playa de perdición o de salvación? ●



**autores  
curricula  
referencias**



**alfonso doncel** (Badajoz, 1963) se declara pintor, pero a lo largo de su trayectoria se ha asomado a la escultura, la fotografía, el diseño gráfico y corporativo y la narrativa, así como a proyectos corales, incluida la actividad investigadora. De formación escultórica, este artista plástico ha desarrollado técnicas experimentales tan personales como inconfundibles, siempre utilizando el relieve sobre el plano, como el cosido de tela sobre tela o la aplicación de pigmentos sobre resina de poliéster, creando texturas asombrosas. Actualmente compatibiliza trabajos individuales con la dirección de proyectos interdisciplinares, realizados a modo de *espacios de reflexión*. En la actualidad dirige la productora **A+i+D** (*Art, investigation & development*) y es coordinador del departamento de comunicación de OGESA (*ingeniería, arquitectura y consulting*).

Ha realizado numerosas exposiciones individuales y colectivas de pintura y escultura, tanto en España como en Portugal, entre las que destacan *RAS 3* (1994-95), *Hipótesis de veratis* (2001), *Indicios* (2004-2005), *Haiku de sueño* (2006), el libro objeto *La Raya, una invitación al pensamiento expansivo*” (Lisboa, Madrid, Badajoz, 2005-2006), *El anillo de Schödinger* (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007) y el libro objeto *Refugios* (2008). ●

**alfonso doncel** (Badajoz, 1963) declara-se pintor, mas ao longo da sua trajectória assomou-se à escultura, fotografia, design gráfico e corporativo e à narrativa, assim como a projectos corais, incluindo a actividade investigadora. De formação escultórica, este artista plástico desenvolveu técnicas experimentais tão pessoais como inconfundíveis, utilizando sempre o relevo sobre o plano, como o cosido de tela sobre tela ou a aplicação de pigmentos sobre resina de poliéster, criando texturas assombrosas. Actualmente compatibiliza trabalhos individuais com a direcção de projectos interdisciplinares, realizados a modo de *espacos de reflexão*. Na actualidade, dirige a productora **A+i+D** (*Art, investigation & development*) e é coordenador do departamento de comunicação da OGESA (*engenharia, arquitectura e consulting*).

Realizou numerosas exposições individuais e colectivas de pintura e escultura, tanto em Espanha como em Portugal, entre as que se destacam *RAS 3* (1994-95), *Hipótesis de veratis* (2001), *Indicios* (2004-2005), *Haiku de sueño* (2006), o livro objecto *La Raya, una invitación al pensamiento expansivo*” (Lisboa, Madrid, Badajoz, 2005-2006), *El anillo de Schödinger* (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007) e o livro objecto *Refugios* (2008). ●



**antonio sáez delgado** (Cáceres, 1970) é doutor em Filologia Hispânica e professor de Literatura espanhola e de Literaturas Ibéricas na Universidade de Évora.

Publicou livros de poesia (*Miradores*, 1997; *Ruinas*, 2001; *Dias, fumo* (edição bilingue), 2003), ensaios (*Órficos y ultraístas*, 2000; *Adriano del Valle y Fernando Pessoa (apuntes de una amistad)*, 2002; *Corredores de fondo. Literatura na península ibérica no inicio do século XX*, 2003), *Espíritus Contemporâneos* (2008); dietários (*En otra patria*, 2005; *Vida errante*, 2005), e antologias (*Um minuto, um século*, 1998; *20 Poetas Espanhóis do Século XX*, 2003).

Traduziu para espanhol livros de escritores portugueses modernos e contemporâneos, como Fialho de Almeida, Teixeira de Pascoaes, Manuel António Pina, José Gil, José Luís Peixoto, Possidónio Cachapa, Ruy Ventura, Almeida Faria, Valter Hugo Mãe e outros. Colabora assiduamente com as suas críticas literarias em *Babelia*, suplemento literário do jornal *El País*. Actualmente é presidente da Asociación de Escritores Extremeños. ●

**antonio sáez delgado** (Cáceres, 1970) es doctor en Filología Hispánica y profesor de Literatura española y de Literaturas Ibéricas en la Universidad de Évora.

Ha publicado libros de poesía (*Miradores*, 1997; *Ruinas*, 2001; *Dias, fumo* (edición bilingüe), 2003), ensayos (*Órficos y ultraístas*, 2000; *Adriano del Valle y Fernando Pessoa (apuntes de una amistad)*, 2002; *Corredores de fondo. Literatura en la península ibérica a principios del siglo XX*, 2003), *Espíritus Contemporáneos* (2008); dietarios (*En otra patria*, 2005; *Vida errante*, 2005), y antologías (*Um minuto, um século*, 1998; *20 Poetas Espanhóis do Século XX*, 2003).

Ha traducido a español libros de escritores portugueses modernos y contemporáneos, como Fialho de Almeida, Teixeira de Pascoaes, Manuel António Pina, José Gil, José Luís Peixoto, Possidónio Cachapa, Ruy Ventura, Almeida Faria, Valter Hugo Mãe y otros. Colabora asiduamente con sus críticas literarias en *Babelia*, suplemento literario del periódico *El País*. Actualmente es presidente de la Asociación de Escritores Extremeños. ●



**Javier cano ramos** (Plasencia, 1957) es licenciado en Geografía e Historia, - especialidad de Arte - por la Universidad de Extremadura y ha completado sus estudios en Salamanca (Urbanismo y Patrimonio). Actualmente finaliza su tesis doctoral sobre el escultor normativo Ángel Duarte.

Ha desempeñado tareas docentes en Historia y Arte y de gestión al frente de la Jefatura de Servicio de Museos y Artes de la Junta de Extremadura. Actualmente es Director del Centro de Conservación y Restauración de Bienes Culturales. Conferenciante, investigador, articulista y crítico de arte, ha dirigido y participado en numerosos proyectos relacionados con el arte clásico y contemporáneo, centrándose en esta faceta en las figuras de Pérez Comendador, Wolf Vostell, Ángel Duarte, Luís Canelo o las últimas generaciones. Recientemente ha participado en la obra "*El anillo de Schödinger*" (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007-08). ●

**Javier cano ramos** (Plasencia, 1957) é licenciado em Geografia e Historia, - especialidade de Arte - pela Universidade da Extremadura e completou os seus estudos em Salamanca (Urbanismo e Património). Actualmente encontra-se a finalizar a sua tese de doutoramento sobre o escultor normativo Ángel Duarte.

Desempenhou tarefas docentes em Historia e Arte e de gestão na direcção da Jefatura de Servicio de Museos y Artes da Junta de Extremadura. Actualmente é Director do Centro de Conservación y Restauración de Bienes Culturales. Conferencista, investigador, articulista e crítico de arte, dirigiu e participou em numerosos projectos relacionados com a arte clássica e contemporânea, centrando-se nesta faceta nas figuras de Pérez Comendador, Wolf Vostell, Ángel Duarte, Luís Canelo ou as últimas gerações. Recentemente participou na obra "*El anillo de Schödinger*" (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007-08). ●



**arnaldo giraldo** (Badajoz, 1962) é Director de Fotografia Televisão, e de 1990 até 2008 trabalhou para a Telecinco como Director de Serviços Artísticos. É professor em vários cursos e Masters, entre os que devemos destacar o de Direcção de Fotografia na Universidade Europeia de Madrid, e dá aulas magistras a Professores FP (Imagen) através do Ministério da Cultura. Músico autodidata e intérprete apaixonado, editou amplamente ao longo dos últimos anos; destacam-se a série de Concertos *Por Amor al Arte* com o grupo *A Contraluz*, apresentados no Teatro Monumental de Madrid, emitido habitualmente pela 2 RTVE. Actualmente está também na produção televisiva.

Fotógrafo desde 1982, sentiu-se apaixonado pela imagem ao realizar trabalhos sobre *realidade paralela*. Em 2005 participou como compositor e fotógrafo na edição do livro objecto *La raya, una invitación al pensamiento expansivo, 2005-06*, de Ediciones del Oeste, como fotógrafo e compositor, assim como na obra *El anillo de Schrödinger* (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007). Em 2007 realizou a escultura e montagem audiovisual *La Caja de Hefesto* (IVAM, Valencia), de aço oxidado patinado e plasmas. ●

**arnaldo giraldo** (Badajoz, 1962) es Director de Fotografía Televisión, y desde 1990 hasta 2008 trabajó para la cadena Telecinco como Director de Servicios Artísticos. Es profesor de distintos cursos y Masters, entre los que cabe destacar el de Dirección de Fotografía en la Universidad Europea de Madrid, e imparte clases magistrales a Profesores FP (Imagen) a través del Ministerio de Cultura. Músico autodidacta e intérprete apasionado, ha editado ampliamente a lo largo de los últimos años; destacan la serie de Conciertos *Por Amor al Arte* con el grupo *A Contraluz*, presentados en el Teatro Monumental de Madrid, emitido habitualmente por la 2 RTVE. En la actualidad se ha introducido en la producción televisiva.

Fotógrafo desde 1982, ha sentido pasión por la imagen realizando trabajos sobre *realidad paralela*. En 2005 ha participado como compositor y fotógrafo en la edición del libro objeto *La raya, una invitación al pensamiento expansivo, 2005-06*, de Ediciones del Oeste, como fotógrafo y compositor, así como en la obra *El anillo de Schrödinger* (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007). En el año 2007 realizó la escultura y montaje audiovisual *La Caja de Hefesto* (IVAM, Valencia), de acero patinado al óxido y plasmas. ●

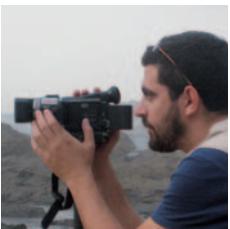


**pedro j. gómez** (Don Benito, 1969) es licenciado en Biblioteconomía y Documentación por la Universidad de Extremadura y cursó estudios en la Université de la Bourgogne (Francia) y en la Northumbria University (Reino Unido). Ha trabajado en gestión de proyectos en *SETA Consultores*, ha sido profesor de Tratamiento Digital de la Imagen en la *Escuela de Negocios ITAE de Badajoz* y productor asociado a *Jammin/Gestorex* y *Poliéster/Manzanos*.

En la actualidad preside la asociación de arte *DINAMO*, desde la que ha organizado numerosas exposiciones de fotógrafos extremeños, y trabaja como fotógrafo y diseñador freelance. ●

**pedro j. gómez** (Don Benito, 1969) é licenciado en Biblioteconomía e Documentação pela Universidad de Extremadura e estudou na Université de la Bourgogne (Francia) e na Northumbria University (Reino Unido). Trabalhou em gestão de projectos na *SETA Consultores*, foi professor de Tratamento Digital da Imagem na *Escuela de Negocios ITAE de Badajoz* e productor associado de *Jammin/Gestorex* e *Poliéster/Manzanos*.

Actualmente preside a associação de arte *DINAMO*, através da qual organizou numerosas exposições de fotógrafos extremenhos, e trabalha como fotógrafo e designer freelance. ●



**daniel almoril román** (Badajoz, 1979) é Licenciado em Comunicação Audiovisual pela Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Complutense de Madrid, e completou a sua formação em Cinematografia e Montagem na Escola TAI (Madrid), tendo efectuado Efeitos Especiais na Universidade de Alcalá de Henares. Tem ampla experiência em filmagem e montagem audiovisual; dirige desde 2006 a produtora Del Oeste Producciones, SL. ●

**daniel almoril román** (Badajoz, 1979) es Licenciado en Comunicación Audiovisual por la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid, y completó su formación en Cinematografía y Montaje en la Escuela TAI (Madrid), así como en Efectos Especiales en la Universidad de Alcalá de Henares. Tiene amplia experiencia en filmación y montaje audiovisual; desde el año 2006 dirige la productora Del Oeste Producciones, SL. ●



## COMISARIADO Y PRODUCCIÓN

**arancha garcía gómez** (Badajoz, 1974) se formó en la Escuela de Artes Plásticas de Mérida, orientándose hacia la rama de la fotografía. Es profesora de portugués y a lo largo de su vida ha emprendido diversas empresas relacionadas con la comunicación. En la actualidad realiza actividades en el ámbito de las relaciones públicas en empresas extremeñas. ●

## COMISSARIADO E PRODUÇÃO

**arancha garcía gómez** (Badajoz, 1974) formou-se na Escola de Artes Plásticas de Mérida, orientando-se para o ramo da fotografia. É professora de português e ao longo da sua vida empreendeu diversas empresas relacionadas com a comunicação. Actualmente realiza actividades no âmbito das relações públicas em empresas extremenhas. ●

## colaboración especial

sala de grabación  
**sala aftasí (badajoz)**  
**touch producciones musicales (madrid)**  
 grabación y edición de sonido  
**david capellán / oscar aznar**  
 intérpretes/músicos  
**laura ortiz heras - cecilia garcía grijota**  
**alegría solana ramos - entcho klatev**  
**isabel méndez pavón - david montes domínguez**  
**olga doménech - juan antonio fernández de cañete**  
 prólogo libro/catálogo  
**enrique garcía fuentes**  
 documentación  
**antonio martins quaresma**  
 traducción a portugués  
**mónica martins**  
 traducción a inglés  
**servicios de traducción glotas, sa**  
 producción del clip promo  
**claroscuro**

## áreas de colaboración

**indugrafic, sl**  
 edición e impresión del libro/catálogo  
**atlántica digital**  
 impresión digital  
**producciones del oeste, sl**  
 creación y producción audiovisual  
**touch producciones musicales**  
 creación y producción audiovisual  
**envialia**  
 transporte y logística  
**artex**  
 acondicionamiento de la obra, exposiciones  
**librería universitas**  
 distribución y comercialización del libro/catálogo  
**galería rina bouwen**  
 comercialización de la obra plástica y audiovisual  
**kobra sonido profesional**  
 imagen y sonido  
**servicios de traducción glotas, sa**  
 traducción  
**el avisador de badajoz**  
 fresh crónica

## patrocinio y colaboración



## empresas



## una producción de



**art, investigation & development**

[www.alfonsodoncel.com](http://www.alfonsodoncel.com) ■ [www.rinabouwen.com](http://www.rinabouwen.com)





# piezas que integran la obra náufragos

autores, soportes, series, títulos,  
medidas y numeración de las piezas

**libro catálogo / livro catálogo**

Texto de Antonio Sáez Delgado

Texto de De Javier Cano

Texto de Alfonso Doncel

Texto de Antonio Martins Quuaresma

Enrique García Fuentes

Pedro J. Gómez

**Vanitas**

**De naufragios y de náufragos**

**Antonio**

**Naufragio**

**Prólogo**

**Fotografías**



## alfonso doncel: pintura

### serie *náufragos*

Técnica mixta sobre madera y metal.  
Poliéster y fragmentos del barco de Vilanova  
sobre estructura de acero patinada

### serie *náufragos*

Técnica mixta sobre madeira e metal.  
Poliéster e fragmentos do barco de Vila Nova  
sobre estrutura de aço pintada.

1. Náufragos I 102 x 150 cm
2. Náufragos II 78 x 150 cm
3. Náufragos III 102 x 150 cm
4. Náufragos IV Díptico de 141 x 77 cms
5. Náufragos V Díptico de 135 x 47 cms
6. Náufragos VI Múltiple de 179,5 x 95,5 cms  
(ensamblaje de 8 piezas)
7. Náufragos VII Díptico de 77 x 140 cms
8. Náufragos VIII Díptico de 77 x 140 cms
9. Náufragos IX Díptico de 77 x 140 cms

### serie *cartas del náufrago*

Técnica mixta, poliéster y  
fragmentos del barco de Vilanova  
sobre bastidor de DM patinado.  
Dípticos de 120,5 x 80 cms  
(dos piezas de 60 x 80 cms)

### serie *cartas do náufrago*

Técnica mixta, poliéster e  
fragmentos do barco de Vila Nova  
sobre moldura de MDF patinado.  
Dípticos de 120,5 x 80 cm  
(duas peças de 60 x 80 cm)

10. Cartas del Náufrago I
11. Cartas del Náufrago II
12. Cartas del Náufrago III
13. Cartas del Náufrago IV
14. Cartas del Náufrago VII
15. Cartas del Náufrago VIII
16. Cartas del Náufrago IX
17. Cartas del Náufrago X
18. Cartas del Náufrago XI
19. Cartas del Náufrago XII
20. Cartas del Náufrago XIII
21. Cartas del Náufrago XII

### serie *notas del náufrago*

Técnica mixta, poliéster y  
fragmentos del barco de Vilanova  
sobre bastidor de DM patinado.  
Dípticos de 80,5 x 55 cms  
(dos piezas de 40 x 55 cms)

### serie *notas do náufrago*

Técnica mixta, poliéster e  
fragmentos do barco de Vila Nova  
sobre moldura de MDF patinado.  
Dípticos de 83 x 58 cm  
(duas peças de 40 x 55 cm)

22. Notas del Náufrago I
23. Notas del Náufrago II
24. Notas del Náufrago III
25. Notas del Náufrago IV
26. Notas del Náufrago V
27. Notas del Náufrago VI
28. Notas del Náufrago VII
29. Notas del Náufrago VIII
30. Notas do Náufrago IX
31. Notas do Náufrago X
32. Notas do Náufrago XI
33. Notas do Náufrago XII
34. Notas do Náufrago XIII
35. Notas do Náufrago XIV

## pedro j gómez: fotografías

Fotografías positivadas sobre papel Kodak Supra Endura mate de medidas 55 cms de alto x 80 cms de ancho, montadas sobre soporte rígido de 10 mm de grosor y enmarcadas al aire sobre bastidor de madera negra mate. De cada fotografía se realiza una tirada de 20 ejemplares, numeradas al dorso junto a la firma del autor.

También disponibles 10 carpetas con la colección de las 15 fotografías, cada una de ellas numerada del 1 al 10 en cifras arábigas, en formato A3.

Fotografias positivas sobre papel Kodak Supra Endura mate de medidas 55 cm de altura por 80 cm de largura, montadas sobre suporte rígido de 10 mm de espessura e emolduradas em vidro sobre bastidor de madeira negra mate. De cada fotografia realizou-se uma tiragem de 20 exemplares, numeradas no verso junto da assinatura do autor.

Também disponíveis 10 pastas com a coleção de 15 fotografias, cada uma das delas numerada de 1 a 10 em numeração árabe, em formato A3.

**36. naufragos 01**

**37. naufragos 02**

**38. naufragos 03**

**39. naufragos 04**

**40. naufragos 05**

**41. naufragos 06**

**42. naufragos 07**

**43. naufragos 08**

**44. naufragos 09**

**45. naufragos 10**

**46. naufragos 11**

**47. naufragos 12**

**48. naufragos 13**

**49. naufragos 14**

**50. naufragos 15**

**arni giraldo: video y música****51. Video *Marea / Maré* (6')**

Oscar Aznar y Arni Giraldo

filmación, montaje y realización / filmagem,  
montagem e realização

Oscar Aznar y Arni Giraldo

soundtrack / banda sonora

***Marea / Maré***

Juan Antonio Fernández de Cañete

Intérpretes

Juan Antonio Fernández de Cañete y Olga  
Doménech

Grabación y edición / Gravação e edição

Touch Producciones Musicales (Madrid)

Producción / Produção

Juan Antonio Fernández de Cañete



5

## daniel almoril: video

### 52. Video *Náufragos* (8')

Daniel Almoril

filmación, montaje y realización / filmagem,  
montagem e realização

Del Oeste Producciones, Badajoz  
soundtrack / banda sonora

#### Façades

Philip Glass

#### Intérpretes

Cecilia García Grijota - Laura Ortiz Heras - Alegría Solana Ramos - Entcho Klatev - Isabel Méndez Pavón - David Montes Domínguez

Grabación y edición / Gravação e edição

David Capellán - Sala Afatasí, Badajoz

Producción / Produção

#### A+i+D

art, investigation & development, Badajoz

# shipwrecked

essays about failure.

# shipwrecked

essays about failure.

WRITTEN, DIRECTED AND PRODUCED BY alfonso doncel Texts antonio sáez delgado - javier cano ramos - alfonso doncel Video/Music arni giraldo / óscar aznar / jm fernández de cañete Photography pedro j. gómez Painting/Design alfonso doncel Filming/Editing daniel almoril EDITED BY art, investigation & development ISBN (XXXX) © publication: art, investigation & development © texts, pictures and music: original authors legal deposit BA-389-09

What is a map for one who seeks nothing?"

## Shipwrecked, essays about failure

Thoughts about behaviour, about attitudes, about feelings. About the concept of being shipwrecked as a natural event in human life, therefore about identity, personal development and the need to adapt, about the concept of time passing by as a necessary part of human evolution. Shipwrecked - a life drama that cannot be separated from the personal growth of mankind.

### Key words

IDENTITY, ADAPTATION • FAILURE AS A LIFE EXPERIENCE • THE PASSING OF TIME IN LIFE EXPERIENCE • HANDLING SHIPWRECKS • THE CONCEPT OF PERCEIVING LIFE REALITY AS OPPOSED TO IRREALITY

### [ INTRO ]

In Vilanova de Milfontes, a small coastal village in the southwest of Alentejo - in Portugal - a ship is beached in one of its nearby Coves, the Praia de Nossa Senhora. It is a Dutch freighter, perhaps a tug, which more than 10 years ago ended its days stranded on the beach of this remote cove.

The ship, with its imposing rusty appearance, the contrast of this huge contraption with the harmony of the Vicentine coast and the scenery of Alentejo is an icon of thought for the authors of this project: a starting point.

The ship's carcass, where it lies and the new meanings suggested by its current situation allow the group of authors of Shipwrecked to approach the concept of identity and failure as a life experience. ●

### Prologue

#### ENRIQUE GARCÍA FUENTES

*But night is endless when supported by the sick and there are ships that want to be seen so they can sink in peace.*

F. García Lorca

The first disappointment might be, after a trip through rusty textures or looking into the space a friendly ghost leaves at night, when we realise that the ebb and flow of the waves does not leave the answer on our beach.

Even more painful, if possible, is when, soaked in that tiresome melody that converts old pieces of iron from what was a ship into a ship again or driven by the haste of those people who pass by without stopping, we perceive the emptiness of settling for a dream that fails to gel.

But that is what it is about.

If we look closely, we will see that this is the story of a man that is no longer here, another who has already gone and a ship that is still on a voyage but has not yet left; although it is true that some say the ship has already gone while others disagree, but it is as if it has already left.

And it is right then when perhaps we will begin to perceive that any of us could be that ship; or feel like the strange hobo that ends up in a rubbish dump so a poet and his children can observe him from their brand new balcony.

Because one of the things that this crew without adjectives did not want under any circumstances was to recruit sailors to be delivered from a static cabotage. To those who ask

why the ship ended up where it is, a series of paintings responds in which marble dust and polyester recreate a useless day at sea. To those who demand the binnacle of past journeys, more than 800 photos of the end of a voyage respond. To those who enquire where they were during this story, there is a wide-open rubbish dump nearby that you can escape from if you like.

Because this entire scenario of ships on the brink of sinking, but that have not yet sunk, and men in shipwreck trance, but rising, is what these pages attempt to offer the reader. An unusual bond, if you like, that integrates people into the common environment of disappointment and the possible ways of overcoming it or remaining there to savour the alternative in itself.

The persistence of a beached ship acts as confirmation that in order to survive, exclusion and resurgence has been necessary; in different ways and experienced voices, the artists present this essay about the limits and future of the paths chosen. Nothing finishes with the end should be the topic which concerns us and why not make a type of handbook to help visitors to see - if interested - that perhaps the greatest thing that we have is to be able to make sense of what more than likely has none; that while the path of death is also part of the voyage, as Cano says, it is also true that the most important thing for those who are shipwrecked is to survive. If we look carefully, the clearest conclusion we can draw from this essay is how strongly we swim for the shore, how passionately we contemplate our defeats and the unfathomable faith that leads us to try (or to invent) the whole thing over and over again and to include those failures, those erroneous approaches, those undesired conclusions in the internal abyss of our prospects still intact; the same, yes, as that ship in which "silenciosamente, a sua matéria, penetrada pelo ar e pelo sol, gasta pelos elementos, se vai caldeando, integrando, em partículas minúsculas, no meio que a acolheu."

I don't know if it is the incandescent clarity of the person who has already deduced that it was leaving, but perhaps there is nothing more certain than when people feel they have arrived is when they most want the journey to continue. For this reason a beached ship, which is of no matter to us, is the starting point. For this reason a story is not going to be provided here, but the opportunity to create one. Six different artists, six different approaches should hang on the breath of those steeped in sounds, shapes, pictures and words and who want (or not) to build on the fundamental base that moves all: the inalienable right of man to err, the perfection of deciding what to do when we fall, the unfathomable happiness of mulling over the multiple prospects of a shipwreck.

But I must insist: we needed a starting point. Neither the day nor the time matter; we are barely aware that after some time adrift, almost on purpose, the ship took the irrepressible decision to settle on that shore. Today I like to assume that the ship values the memory of its voyages more than the demand for new journeys. Or that it prefers the touch of nearby fish and the static interrogation of those who look on from the beach to the ups and downs of a normal day.

Perhaps it enjoys languishing on the beach with no prospect for the future.

Or its innate sense was to finally end its defeat (and let me savour this everlasting polysemous joy) because its voyage began precisely when it ran aground.

We will also learn of a man with no name, like the ship, who makes a building site into a pleasant beach. And we will also learn of a poet who contemplates him. Indeed, what we learn about the man will be what the poet tells us. There is no lens to set his picture in the scenery, nor a friendly camera to make his arrival sweet. The only thing that will surprise us - suddenly - is that the void he filled is once again empty.

Even though the temptation to compare the man to the ship is strong, everything in this book encourages the opposite. Even though we may think that the ultimate destiny of things is to leave or decline, perhaps there is room for hope or the possibility of burning amongst one's losses... never to be entirely consumed.

Shipwrecked can be understood as a tribute to the beauty of dispossession immediately after an error and in the warm embrace of the only thing that lives at the bottom of Pandora's box.

More intense than a ship that decided to run aground is the constant question posed by the waves that caress it and the whisper of the promise of future voyages on its hull. ●

## Antonio

ALFONSO DONCEL

### IDENTITY

The last journey with Antonio; it's tough to say. Both of us know that he is dying, that this will be one of our last opportunities. The excuse is to fill several sacks of marble dust in a quarry near Villaviciosa: white crystal-clear sand; a precious material for me, perhaps only rough building sand for him. And breakfast for both, a walk in Portugal and a morning of conversation. He takes me where he has gone a thousand times to load up.

We are - I am - afraid to look at each other face to face. It's more like being embarrassed should the other realise, should he say something to me about his exodus, for which I have no answer. As I'm the one driving, I don't have to make much of an effort to hide my eyes from his.

Our conversations often involve looking back into the past, particularly where his life and the events that marked him is concerned; normally I only make passing comments, because I am under the impression that my story is of no interest to him, that I don't have anything equivalent to offer him. I feel this time that the beginning of our conversation is colder; we mix in jokes -sometimes forced- but as I am not looking at Antonio, I perceive no tension whatsoever. Although I think he is provoking me (now I think it was just me) and then we begin to talk about the subject we like: the ways of building an identity, which he explores in his own way, establishing comparisons or narrating episodes of his life.

I suppose (I feel I know after everything he told me) that Antonio may have been many things; the last thing I discovered was that he was a pump truck driver, those lorries that accompanied cement-mixers and extract and pump cement in building work. I remember that, when he was healthy, he pumped a few tonnes of cement up three storeys to make the floor of my apartment. He must be about 60 years old, but it seems to me that he boasts the contents of two or three lives.

Antonio is dying, and his family and friends are pretending he doesn't know. Now I think that, deep down, we act like this for our own comfort. And I wouldn't like people to do the same to me. I am certain he knows and can feel it every second. He says he looks at himself in the mirror and tells me what he sees, the changes in his appearance (his deterioration). I look at his watery blue eyes and try to recreate what he sees in his mirror. Mirrors are powerful tools for building identities. I'm not referring to real identities -what are they?- but mirrors do give us a reference. If we combine time, mirrors, an ability for self-forgiveness and the instinct to adapt, we can manufacture a sound device for building an identity; or at least an observatory.

In the situation Antonio is in, there is a mixture of feelings among those of us around him. On the one hand we are sad -I often say this is the tribute to be paid for love- and on the other we share kind thoughts, such as the pride of being/having been near him, that is, the feeling of knowing a great man. For me it is not one trait in particular, but the mixture of sensations that he transmits, the most striking being his confidence, authenticity and a permanent ability to adapt; I meant intelligence, but I think the ability to adapt is explains it better. While he is talking, I analyse these qualities -to imitate them- but I normally conclude that I lack his liquid look and his silences.

Antonio above all listens. Then, he associates a question with a silence, the length of which he modulates as he pleases, before making a comment that refers directly to who he is talking to. And he does it looking the person in the eye, so he or she knows he is referring to them and only them.

### SAND

We fill the sacks from a mound a fair distance from the security guard's shed, on a day that looks like raining, which is why we are in somewhat of a hurry. Quarries and drying sheds for grain have a special light and air; with this climate, the one we are visiting today is quite dramatic. For me they are warehouses of materials that I will use to build and the prospect of using them puts me in a good mood. Prospects maintain our lives, Antonio said, after I told him. Then we talked about the absence of prospects as a way of shielding life. Of course, no prospects, no failure, I said.

- If that were the case, then we could decide whether or not to fail, and that still hasn't been invented.

- True. It happens even without any prospects.

- But less.

*Take Alfonso, I have failed a thousand times, and here I am. You are always running into walls and look at your happy face. I don't believe anyone can live without prospects; the thing is that when they don't come true we always have an alternative plan and the cycle starts again. The important thing is what comes next.*

- We adapt.

Apart from being in a hurry due to the rain, I am concerned the quarry worker will come and reproach us or ask for an explanation. Antonio has his hands in his pockets and is laughing at how clumsy I am with the spade. I tell him that we are going to get told off and he asks me sarcastically what I am going to say. I don't know.

- Well, that you are grabbing a few sacks of sand.

- And he will say with whose permission. This costs money.

- In that case, pay him for fuck's sake! And he goes and sits down a few metres away, so I can't see him laugh.

### IRON

Now I use the marble dust for the paintings in Shipwrecked, only a few years after that last trip. I almost used the sand from Nossa Senhora beach, where our stranded ship rests, but the texture of marble dust is nicer, and it is also white: inert.

Shipwrecked was born in the silence of summer sunsets in Vilanova de Milfontes and in the long autumn nights in Badajoz. I didn't hesitate when I chose the rest of the authors because I believe they share a relationship with its content and are at home with the format we aim to use.

At our first meeting, we established conditions, particularly regarding avoiding stereotypes. Antonio Sáez is categorical, almost violent. We like his stance and we all agree.

Professor Antonio Martins sets the scene we decided for Shipwrecked. I think he avoided the reality of the origin of the shipwreck, but I assured him that this was not important. A Dutch ship that runs aground on a beach in the southwest of Alentejo and which now fills the summer afternoons I spend in Vilanova.

The ship - that is what we call it - must have a name, but we were never interested. It has been there for 10 years and is now a new being. It no longer sails and only its appearance remains. Its hull was blue. I discovered that by scratching its skin. Now it is a huge piece of rusty iron in the shape of a ship, imposing, that is looked upon by people walking along the cliff or the beach. I see visitors every day from various countries. From the beach, by the ship, I like to think that one of these people is the captain of the ship, paying a visit every now and again. I have even given him an age and an appearance. I pretend to forge thoughts in his mind.

Shipwrecked is created slowly, carefully for some, hesitatingly for others. Choral works have the advantage of interaction, but also the disadvantage of the complexity of group work. Not knowing the exact connection between pieces, if there really should be one. From these pieces and the varieties of language, unexpected surprises emerge, such as the group of six string and wind instrument teachers -on an exciting afternoon at the end of autumn, by the ship in Vilanova- who played Façades, by Philip Glass. For me they were also playing the thoughts of the captain of the beached ship, or a summary of our intentions. Maybe all of this at the same time.

### SILENCE

In our conversations, Antonio looked back on his life as a sequence of ebbs and flows. Therefore, the present - while we are talking in the car- is nothing more than a space between them, a pause. Many people might describe him as a successful man, because he managed to take those close to him where he wanted; I say this because I know his family and some of his feelings. When he died, the sensation we had was one of an end we had come to terms with and at the same time, the outcome of a life lived to the full. Once again, mixed feelings.

The way he went - in silence - was perhaps part of the building of his identity.●

## VANITAS

ANTONIO SÁEZ DELGADO

The first part of our street ends at a small abandoned lot, the size of a house, surrounded by a wall.

The wall is the same height as a man.

The lot is on the corner of the street, where fishermen throw rubbish into skips.

When the warm weather arrives, it's as if the whole neighbourhood is rotting.

I go past that corner every day, on foot or by car. I often pass by holding my children's hands, the footpath is narrow.

In the centre of the city.

The wall that surrounds the lot is made of grey blocks. It is full of cracks and loose grey blocks.

The street is like a miniature village: bakery, butcher's, fish shop and grocer's in thirty metres.

When I pass by the lot with my children, I can't help warning them of the danger. The cracks, the blocks.

The lot is full of rubbish and furniture that neighbours throw in there at night, over the wall.

I can see it from the balcony of my house.

My children correct me when I warn them of the danger: it isn't a lot, it's a dump. From now on we will call it a dump. All neighbourhoods have a dump.

That was what they said.

(They are happy to live on the third floor. They had never lived that high up.)

It is normal, at night, to hear noises coming from the dump. Neighbours throwing in useless furniture, hobos climbing the wall to see if there is anything useful in there, men looking inside the skips by the wall and who end up climbing on top of them to get into the lot. Into the dump.

(I wake up feeling certain that some sedimentary dreams resist the filter of our subconscious. This why they repeat themselves in different forms. There should be a mechanism in our memory to eliminate from our dreams many of the events that crowd our life, which we cannot control, in which we have no choice. We are all children at midnight, when a nightmare wakes us up. The fear is the same, I haven't forgotten.)

A sudden noise in the dump. A man climbs onto the skips and jumps over the wall. He sifts through the rubbish and the rubble. He jumps out again.

Another noise. As if furniture were being dragged down all the streets in the world.

Cardboard. The man is dragging large sheets of cardboard down the middle of the street in the direction of the skips. He throws them over the wall. He follows.

Inside, he lays them down in the darkest corner, away from the street lights, right in the corner of the two streets.

He does it silently, like someone who is working.

## Vanitas

*In literature there is prestige in pain.*

*I could talk about M and his pain.*

*About the scream in the middle of the night.*

*I could talk about A and his inability to live,*

*about the silence he left behind*

*and the cruel sensation of liberation*

*that his death caused us.*

*About M and how surprised we were  
that some people don't cry every day.*

*I could talk about I and her refusal to speak,  
about the unfinished space that our relationship became.*

*I could do it as I have done in the past,*

*with the same frivolity as he who hides*

*in narration to justify the way he observes.*

*There is no need. Words don't explain the world,*

*they are often only the sharpest end of the knife of rhetoric.*

*Literature feeds on literature.*

*The most beautiful words don't justify,*

*are not enough to enable us to understand pain.*

The noise made by the skips is beginning to sound familiar. The man jumps in the dump every day. He gathers old blankets, cardboard. He sleeps on a bed of colour, on a mountain of entangled bits of cloth that, at night, look like animals.

His laughter wakes me up in the middle of the night. A full, long laugh. The laughter of a mad man. I jump out of bed to go out on the balcony. The man in the dump is lying down, smoking. And laughing without remorse. His laughter echoes in the silence of the street.

(He also talks to himself, he mutters something then laughs loudly).

When the sun comes up, I realise that the man in the dump sleeps on a mattress that he has covered with cardboard and pieces of cloth. A large, dirty mattress, almost black.

## Vanitas

*A list of taboo words means*

*a list of taboo feelings.*

*Cowardliness. Shame.*

*Eliminate worn out words,*

*words eroded by the passage of time.*

*Words that mean exactly the opposite*

*of what they meant a few years ago.*

*Eliminate empty words, words that were full  
of people and are now uninhabited houses.*

*Eliminate, as a rule of thumb, all uninhabited words.*

*(For example failure, loneliness, emptiness.*

*For example longing, fear, desire.*

*For example, some proper nouns)*

Some nights the man doesn't sleep in the rubbish dump. I could almost say that he doesn't come home. He spends one or two nights away from his bed (it has been his bed for three weeks now).

Going out onto the balcony to see if the man is in the dump has become a habit.

It's a routine.

(Cruelty is another, another routine)

I haven't told my children that a hobo sleeps in the "neighbourhood dump". They are too young to understand, I tell myself. With that absurd morality of a man who wants to protect someone he considers weaker. With the inhuman double morality of a man who watches this show of misery.

Tonight the man in the dump is screaming and crying like a boy with an adult's voice. His message: weeping and moaning. He twists and turns on the bed as if dogs were biting him. He screams, then all is silent again and then he screams again. Some neighbours' lights turn on.

## Vanitas

*The rest live in*

*the suburbs of myself.*

Autumn begins. It hasn't rained for two months. I check the weather forecast feeling like someone who has to warn against a danger. The week will be quiet.

At night the whole street smells like roast meat. The smell sifts into all the houses. I go out on the balcony and see a light flash inside the dump. The man is sitting on two grey blocks, he has made a fire with cardboard and wood and is roasting small pieces of meat skewered on a wire.

There is smoke.

He feeds.

It smells, although difficult to say, like roast meat. A shot in the conscience.

Next to him there is a small radio playing music.

I have changed the place I normally read at night in order to be able to watch the dump more closely. From here, I only have to turn my head, I see the mattress and the cardboard and the matted pieces of cloth.

And the man.

The man in the dump isn't sleeping alone today. A small body, a woman's body, is lying next to him. I can't hear his voice. They don't move or touch each other.

They are sleeping.

Once again voices, screams, laughter. He has a bottle in his hand. He is alone. Windows open, it's hot. The screams reach right into every house. They alert people of his presence.

In the morning he covers up the mattress and the cardboard with plastic and stones. He makes a fire (wet cardboard and smoke). He turns on the radio. He eats.

The man in the dump ties rope from one wall to another. He hangs up a sheet, pieces of cloth and samples of different coloured material thrown away by a nearby shop. He hangs a plastic coat hanger on the rope.

One empty coat hanger on a rope in the middle of the dump. A picture, one could say, that gives you the shivers.

(Metaphors are, generally speaking, very frivolous).

#### Venitas

Sometimes happiness depends  
more on what you lack or what you have  
lost than on what you have.

(It is flippant, after a social glance, to think at the same as one writes about the man in the dump. The story of the man in the dump. The tale of his days. It is a constant blow in the side.)

I go out to buy some bread and I see that the work on the gas pipe is progressing rapidly. The rock drill is about thirty metres from the dump. A danger: the pipeline, on the footpath opposite my house, will run right through where the man has installed his house. The wall of the dump is in line with the street, invading it by approximately a metre. Tomorrow the workers will reach that point.

I arrive in the afternoon and I see that traffic has been cut off in our part of the street and it is full of machinery. A company is carrying out the assault (that is the word they used to answer me) to install natural gas. As I go out on the balcony, I see that they have dug up the footpath right next to the wall. Some blocks have fallen. More cracks.

The wall has been secured with iron bars, the workers have also dug up the foundations of the block construction.

The plastic coat hanger, the washing, the samples of materials, all over the ground.

The man in the dump hasn't come back.

#### Venitas

*When I am not here,  
what can he miss?*

The neighbours are complaining about the state of the dump (that's what the newspaper says, reporting a formal complaint). Two men clear out the rubbish and put it into a city council lorry. Not long after, workers wearing grey overalls resurface the wall with cement, fill the gaps with blocks, knock down the parts of the wall that were most damaged by the pipeline works.

They rebuild some fragments. ●

#### Shipwrecks and the shipwrecked

JAVIER CANO

##### Before the shipwreck

Mankind fights three permanent battles. Religion, society and nature have been and are the battlefields where our conditions clash and make us aware of the fact that the reason is none other than failure and that we are merely machines destined for survival. Robert Lafont in Sea Workers said this more than twenty years ago. The metaphors for these battles, or desires, are temple, city and ship. Three concepts that have always appealed to universal principles to come out on top, but the truth is that in order to survive, exclusions and resurgences have been necessary. For this reason, today Francis Fukuyama talks about the end of history, Samuel Huntington about the clash of civilisations, Michael J. O'Neill about the thunderous crowd, Robert Kaplan about future anarchy, Jean Marie Guéhenno about the end of democracy, Serge Latouche about the westernisation of the world, Alexander Demandt about the final time and recently, Claudio Magris about the story that has not ended. With so many concepts, one could think we are faced with a shipwreck of our own.

The new intellectual adventure, after the terrorist attacks in New York, Madrid and London, showed how the structure of society has been resurfaced with false pluralism, how disinformation increases in the "belief" that most people don't understand. "The turn of events": the democratic society has been called into question for decades, and meanwhile one social order is absolutely indifferent. There is talk of a new idea for the private sector, based on political and business strategies, cybernetics and new technologies, transcreation and that delicate and complex task of shifting thought from a new humanism of rational-vitalist nature that fights elitism, nihilism or totalitarianism... so many ways out are being considered that once again we appear to be faced with an uncertain future; a future that implies we must reconsider our limits and values: a task, in line with the idea by Remo Bodei, involving excavating, stock taking and clearing out the rubbish.

Post-modernism, with all of its imperfections, fuzziness, indifference, private sector orientation... is a strange type of Pandora's Box in the hands of many. Wide open and cheered on by the computer world, mankind -faced with this panacea - only meet to admire it, and that loneliness perhaps goes hand in hand with disappointment and a shipwreck itself. Is it a sign of the times? The ratiocination of Enlightenment has gone and modernism, defended to the extreme, shattered in Paris in the month of May.

Criticism was necessary to revive this spirit, but it grew weaker during the times of crisis and the boom in the 1970s and the happy decade of the 80s. The new world has spread quickly and our eyes can only see rather blurry horizons: the masters of the universe have abandoned this stray ship called Earth and the shipwrecked only applaud, as Henri Lefebvre wrote more than fifty years ago in *Vers le cybernautre, contre les technocrates*.

The two poles that make up this shipwreck are enough, to give an example within the field of art. From Denis Diderot to Fernando Castro Flórez, History has done damage and rendered us orphans. From this somewhat namby-pamby view nowadays, which read "When we have contemplated a scenario such as that we have just outlined for a long time, we think we have seen it all. We are wrong; we can find an infinite number of valuable things... Nobody knows as well as Boucher the art of light and shadows" , we have moved on to another that is expressed in almost illegible terms, such as "...radicalisms end up confessing their parodic framework, abstraction drifts towards self-satisfied ornamentalism and conceptualism reveals, in many cases, tremendous ideological impotency..." , and on further to not understanding practically anything. What happened over the two hundred and forty years between the Parisian Salon of 1761 and the skirmishes in 2002? Apart from looking at scenery or picturesque nature to

contemplate another more sublime conceptual view later, and even beyond what is to be expected when genetic manipulation takes place, and apart from going from an attitude favouring dialogue to becoming nearly dogmatic, a shipwreck in a society with few contemplations, where History is cut up to suit all, the only thing this results in is a number of dugout canoes on the horizontal line of the Mediterranean which, even with effort, can change from being almost heroic to something we see as an almost virtual news item. We are once again lost and confused due to not knowing how to distinguish, like the painter François Boucher showed us, light from shadows, and we are immersed in a magma where ornate complacency and single-mindedness are entangled. The wire we are walking could not be any thinner. We have filled the planet with speeches, using great words, with notions (each more important than the last) and deception has appeared, despite the lessons that the 20th Century taught us.

#### The shipwreck

The sea gradually imposes its conditions upon Man. Mankind ends up tired and sinks. The sea's victory can be seen; shapes begin to disappear and the "brightness" of nature once again shows. Things no longer revolve around Mankind and the delirium of an entire society make the truths brought by the Century of Enlightenment disappear rendering the project apparently inconclusive. The time after history has begun: the homeless man (to use a postmodern and politically correct term) has run out of cardboard and coat hangers and the dump has become a respectable lot for speculation.

#### After the shipwreck

This brief reflection, about a ship that has run aground on the Atlantic Coast having undertaken a risky voyage is useful perhaps to learn that we have a future, the days following the shipwreck. After the ups and downs and exodeses of 20th century mankind, after believing in the ideas of progress and innovation, after the uncertainties created by wars with faith always in the background, after the entire society has shattered under threat from a climate change and an economic crisis (always the worst kind that has ever existed), after that plastic laicism sold by the pound and after trampling the "art of conversation" based on criticism that has been imposed on us or the dream of the new technologies, as if we had just been given our last rites, we are, during those days, in now.

The question we repeat like a bell tolling is what is happening. Pandora or reason, failure or certainty, valour or ornamentality. And we cannot answer. This duality is well illustrated by these photographs, in these rusty fragments of what had once been a freighter and is now a ghost, in this bare essay that only intends to outline and make sense of that which in all likelihood is senseless. This sums up life as a whole, there are those letters for the shipwrecked where we should not forget that the path of death is also part of the voyage.

The exhibition entitled The Beauty of Failure/The Failure of Beauty in October 2004 included some of the aspects of that risky voyage; a series of issues that have completely destroyed the intentions, albeit demagogic, of the so-called Millennium Development Goals. As a result, this new, ideal society, which doesn't exist, has been shipwrecked. It has even been on the brink of doom when create false cultures resorting to biological factors. Utopian architecture and the plastic revolution of all vanguards have also run aground, leaving behind the synthesis of all art, the aesthetic transformation that for a moment thought about changing society. The return to nature which had such a captivating effect on a number of intellectuals has run aground. The world order is fading, with the East and the West drifting increasingly further apart, the Alliance is a toast and fashion, consumption, (senseless) life in the fast lane and soap operas invade all. Amorality and opportunism are pitted against the search for moral answers and the third path, on the fence between neoliberal and socialisation, is failing abysmally: we can change sides in a fraction of a second; just like a president one minute before declaring war on the whole world who is only concerned about his public image. The media have run aground, and due to manipulation the lack of communication seems normal because no one is listening. The change in the concepts of time and space give us another view and another orientation towards we don't know where. But also, at the bottom of Pandora's Box, there is scientific and artistic progress, wellbeing, lifestyles and, above all, there are more building sites to live in and more sheets of cardboard and coat hangers to be had. Irony is our table of shipwrecks.

#### Shipwreck

ANTONIO MARTINS QUARESMA

It was a stormy night in that early autumn in 1996. A strong, wet westerly wind whipping the coast with salt saturated air and long-lost memories of mailing boats that unloaded cargo and hope. The fishermen are sheltering in the Canal and the village is still asleep.

In the distance, behind the stone watchtower, the compact bulge of a small but robust iron ship was heading towards the mouth of the river Mira, where the heavy swell blocked the entry. The ship then wanders northward, to Ladoiro Point, but suddenly turns back and begins to roam towards the coast then away from it. Those watching the show said the crew appear to want to Beach the ship - desperation? Cold calculating? - and, hesitatingly, was looping for a suitable place to do so.

Finally, lashed by the wind and the waves, the ship headed for land, for the small calcareous beach Our Lady, as if the holy connotations of the place were paradoxically calling the rebellious crew. The ship approaches the beach and collides, making a cavernous sound against the rocks that surround it until, near dawn, one huge wave pushes the ship up onto the beach. And there it stayed, under attack from the high tide, in liquid convulsions of water and foam.

We didn't know then, but that was the end of its last voyage. After sailing the turbulent seas of the North for a long time, the ship had come to stay, forever, on a small beach in the South, where, like a solitary and mysterious ruin, it still reminds us of that distant and dramatic night. And where, silently, its own matter being violated by the air and salt, eroded by the elements, it is slowing disappearing, integrating in minuscule particles with the environment that has given it a home.

Beach of ruin or beach of salvation? ●

written and directed by alfonso doncel texts antonio sáez delgado - javier cano ramos - alfonso doncel - antonio martins quaresma prologue enrique garcía fuentes photography pedro j. gómez music arni giraldo video arni giraldo - oscar aznar - daniel almoril design alfonso doncel - pedro j. gómez catalogue printing INDUGRAFIC, SL translation SERVICIOS DE TRADUCCIÓN GLOTAS SA produced by A+H+D art, investigation & development special collaboration oscar aznar (touch producciones) - jose antonio fernández cañete - olga doménech ●

#### SHORTS & SOUNDTRACK

##### Tide (6')

DIRECTED, FILMED, EDITED AND PRODUCED BY Oscar Aznar and Arni Giraldo  
SOUNDTRACK Tide, by Juan Antonio Fernández de Cañete  
Performed by Juan Antonio Fernández de Cañete and Olga Doménech  
Recorded and edited by Touch Producciones Musicales (Madrid)  
Produced by Juan Antonio Fernández de Cañete

##### Shipwrecked (8')

FILMED, EDITED AND PRODUCED BY daniel almoril - Del Oeste Producciones, Badajoz  
SOUNDTRACK Façades, by Philip Glass  
Performed by Cecilia García Grijota - Laura Ortiz Heras - Alegría Solana Ramos - Entcho Klatev - Isabel Méndez Pavón - David Montes Domínguez  
Recorded and edited by David Capellán - Sala Aftasí, Badajoz  
Produced by art, investigation & development, Badajoz ●

#### SPONSORS AND COLLABORATORS INSTITUTIONS/ORGANISATIONS

UNIVERSIDAD DE EXTREMADURA

Vicerrectorado de Extensión Universitaria

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Gabinete de Relações Públicas (GARP)

DIPUTACIÓN PROVINCIAL DE BADAJOZ

Área de Cultura

GABINETE DE INICIATIVAS TRANSFRONTERIZAS

Junta de Extremadura

CAJABADAJOZ

Obra Social

AYUNTAMIENTO DE DON BENITO

Concejalías de Educación y Cultura

CENTRO DE ARTES DE SINES

FUNDAÇÃO HENRIQUE LEOTE  
Convento de São Paulo  
INSTITUCIÓN CULTURAL EL BROCIENSE  
Diputación De Cáceres

### COMPANIES

INDUGRAFIC  
OGESA  
LIBRERÍA UNIVERSITAS  
NATURCREX  
DEL OESTE PRODUCCIONES, SL  
GALERÍA RINA BOUWEN  
LA VINATERÍA  
CLAROSCURO  
KOBRA SONIDO PROFESIONAL  
ATLÁNTICA GRAN FORMATO DIGITAL  
SERVICIOS DE TRADUCCIÓN GLOTAS, SA  
ARTEX  
ENVIALIA  
SALA AFTASÍ  
EL AVISADOR DE BADAJOZ  
AREAPHONE - Grupo Lidertel de Comunicaciones, S.L.  
DONTHAL  
COLECCIÓN CAMPINI  
COLECCIÓN ÍTACA

### SPECIAL COOPERATION

RECORDING STUDIO  
SALA AFTASÍ (Badajoz)  
TOUCH PRODUCCIONES MUSICALES (Madrid)  
RECORDING AND EDITION OF SOUND  
DAVID CAPELLÁN / OSCAR AZNAR  
SINGERS/MUSICIANS  
LAURA ORTIZ HERAS < CECILIA GARCÍA GRIJOTA  
ALEGRÍA SOLANA RAMOS < ENTCHO Klatev  
ISABEL MÉNDEZ PAVÓN < DAVID MONTES DOMÍNGUEZ  
OLGA DOMÉNECH < JUAN ANTONIO FERNÁNDEZ DE CAÑETE  
PROLOGUE/CATALOGUE  
ENRIQUE GARCÍA FUENTES  
DOCUMENTATION  
ANTONIO MARTINS QUARESMA  
PORTUGUESE TRANSLATION  
MÓNICA MARTINS  
ENGLISH TRANSLATION  
SERVICIOS DE TRADUCCIÓN GLOTAS SA

### AREAS OF COOPERATION

INDUGRAFIC, SL  
edition and printing of the book/catalogue  
ATLÁNTICA DIGITAL  
digital printing  
PRODUCCIONES DEL OESTE, SL  
audiovisual creations and production  
TOUCH PRODUCCIONES MUSICALES  
audiovisual creations and production  
ENVIALIA  
transport and logistics  
ARTEX  
accommodation of the work, expositions  
LIBRERÍA UNIVERSITAS  
distribution and marketing of the book/catalogue  
GALERÍA RINA BOUWEN  
marketing of the plastic and audiovisual work  
KOBRA SONIDO PROFESIONAL

picture and sound  
SERVICIOS DE TRADUCCIÓN GLOTAS SA  
translation  
EL AVISADOR DE BADAJOZ  
chronic fresh  
an A+D PRODUCTION  
art, investigation & development ●

### PIECES INCLUDED IN SHIPWRECKED

AUTHORS, FORMATS, SERIES, TITLES, SIZE AND ORDER OF PIECES

#### 1. CATALOGUE

Text by Antonio Sáez Delgado *Vanitas*  
Text by Javier Cano *Shipwrecks and the Shipwrecked*  
Text by Alfonso Doncel *Antonio*  
Text by António Martins Quaresma *Shipwreck*  
Enrique García Fuentes *Prologue*  
Pedro J. Gómez *Photography*

#### 2. ALFONSO DONCEL: PAINTING

##### SHIPWRECKED SERIES

Mixed techniques on wood and metal. Polyester and fragments of the ship in Vilanova on a patinated steel structure.

1. Shipwrecked I 102 x 150 cm
2. Shipwrecked II 78 x 150 cm
3. Shipwrecked III 102 x 150 cm
4. Shipwrecked IV 141 x 77 cm diptych
5. Shipwrecked V 135 x 47 cm diptych
6. Shipwrecked VI 179.5 x 95.5 cm multiple (assembly of 8 pieces)
7. Shipwrecked VII 77 x 140 cm diptych
8. Shipwrecked VIII 77 x 140 cm diptych
9. Shipwrecked IX 77 x 140 cm diptych

#### LETTERS FROM THE SHIPWRECKED

Mixed techniques, polyester and fragments of the ship in Vilanova on a patinated frame 120.5 x 80 cm diptychs (two 60 x 80 cm pieces)

10. Letters from the Shipwrecked I
11. Letters from the Shipwrecked II
12. Letters from the Shipwrecked III
13. Letters from the Shipwrecked IV
14. Letters from the Shipwrecked VII
15. Letters from the Shipwrecked VIII
16. Letters from the Shipwrecked IX
17. Letters from the Shipwrecked X
18. Letters from the Shipwrecked XI
19. Letters from the Shipwrecked XII
20. Letters from the Shipwrecked XII
21. Letters from the Shipwrecked XII

#### SHIPWRECK NOTES

Mixed techniques, polyester and fragments of the ship in Vilanova on a patinated frame 80.5 x 55 cm diptychs (two 40 x 55 cm pieces)

22. Shipwreck Notes I
23. Shipwreck Notes II
24. Shipwreck Notes III
25. Shipwreck Notes IV
26. Shipwreck Notes V
27. Shipwreck Notes VI
28. Shipwreck Notes VII
29. Shipwreck Notes VIII
30. Shipwreck Notes IX
31. Shipwreck Notes X
32. Shipwreck Notes XI
33. Shipwreck Notes XII
34. Shipwreck Notes XIII
35. Shipwreck Notes XIV

### **3. PEDRO J GÓMEZ: PHOTOGRAPHS**

Photographs printed on Kodak Supra Endura matt paper 55 cms high and 80 cms wide, mounted on a 10 mm thick rigid support and incased in a black matt wooden frame. A series of 20 copies of each photograph is made, which are numbered on the back next to the artist's signature.

Ten A3 folders numbered 1-10 with the collection of 15 photos are also available.

- 36. Shipwrecked 01
- 37. Shipwrecked 02
- 38. Shipwrecked 03
- 39. Shipwrecked 04
- 40. Shipwrecked 05
- 41. Shipwrecked 06
- 42. Shipwrecked 07
- 43. Shipwrecked 08
- 44. Shipwrecked 09
- 45. Shipwrecked 10
- 46. Shipwrecked 11
- 47. Shipwrecked 12
- 48. Shipwrecked 13
- 49. Shipwrecked 14
- 50. Shipwrecked 15

### **4. ARNI GIRALDO: VIDEO AND MUSIC**

#### **51. Tide (6')**

**Oscar Aznar and Arni Giraldo**

FILMED, EDITED AND PRODUCED BY Oscar Aznar and Arni Giraldo

SOUNDTRACK *Tide*. Juan Antonio Fernández de Cañete

Performed by Juan Antonio Fernández de Cañete and Olga Doménech

Recorded and edited by Touch Producciones Musicales (Madrid)

Produced by Juan Antonio Fernández de Cañete

#### **5. DANIEL ALMORIL: VIDEO**

#### **52. Shipwrecked (8')**

**Daniel Almoril**

FILMED, EDITED AND PRODUCED BY Del Oeste Producciones, Badajoz

SOUNDTRACK *Facades*. Philip Glass

Performed by Cecilia García Grijota - Laura Ortiz Heras - Alegría Solana Ramos - Entcho Klatov - Isabel Méndez Pavón - David Montes Domínguez

Recorded and edited by David Capellán < Sala Afatasí, Badajoz

Produced by A+i+D. art, investigation & development, Badajoz

### **AUTHORS – CV – REFERENCES**

**alfonso doncel** (Badajoz, 1963) says he paints, but as an artist he has also tried sculpture, photography, graphic and corporate design and narrative essays, along with group projects, including research. Trained as a sculptor, this artist has developed experimental techniques that are as personal as they are unmistakable, always using basso-relieve, such as sewing cloth or applying pigments to polyester resin, creating astonishing textures. At present, he reconciles individual work with directing multi-discipline projects, carried out as spaces for reflection. He is currently the director of production company A+i+D (Art, investigation & development) and coordinator of the communication department at OGESA (engineering, architecture and consulting).

He has been responsible for a number of solo and group exhibitions in both Portugal and Spain, including RAS 3 (1994-95), Hipótesis de veratis (2001), Indicios (2004-2005), Haiku de sueño (2006), object book "La Raya, una invitación al pensamiento expansivo" (Lisbon, Madrid, Badajoz, 2005-2006), El anillo de Schödinger (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007) and the object book Refugios (2008).

**antonio sáez delgado** (Cáceres, 1970) holds a PhD in Spanish and is a Lecturer in Spanish Literature a Iberian Literature at the University of Évora.

He has published several books of poetry (Miradores, 1997; Ruinas, 2001; Dias, fumo (bilingual edition), 2003), essays (Órficos y ultraístas, 2000; Adriano del Valle y Fernando Pessoa (notas de una amistad), 2002; Corredores de fondo. Literature in the Iberian Penin-

sula at the beginning of the 20th Century, 2003, Espíritus Contemporáneos (2008); diaries (En otra patria, 2005; Vida errante, 2005), and collections (Um minuto, um século, 1998; 20 Poetas Espanhóis do Século XX, 2003).

He has translated several books written by modern and contemporary Portuguese writers into Spanish, such as Fialho de Almeida, Teixeira de Pascoaes, Manuel António Pina, José Gil, José Luís Peixoto, Possidónio Cachapa, Ruy Ventura, Almeida Faria, Valter Hugo Mãe among others. He works on a regular basis writing reviews for Babelia, a literary supplement of the Spanish newspaper El País. He is the current president of the Extremadura Writers Association.

**Javier cano ramos** (Plasencia, 1957) holds a degree in Geography and History, specialised in Art, from the University of Extremadura and finished his studies in Salamanca (Urban Development and Heritage). He is currently writing a doctoral thesis on normative sculptor Ángel Duarte.

He has worked as a History and Art Teacher and managed the Directorate of Museum Services and the Arts, attached to the regional government of Extremadura. He is currently Director of the Conservation and Restoration Centre of Cultural Property. A lecturer, researcher, columnist and art critic, he has directed and participated in numerous projects related to classic and contemporary art, focusing on Pérez Comendador, Wolf Vostell, Ángel Duarte, Luís Canelo and the last generations. He recently participated in "El anillo de Schrödinger" (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007-08).

**arni giraldo** (Badajoz, 1962) is Director of Television Photography and worked for Spanish televisión channel "Telecinco" from 1990 to 2008 as Director of Artistic Services. He is a lecturer in various courses and masters, including Direction of Photography at the European University in Madrid, and gives lectures to technical training teachers (image) for the Spanish Ministry of Culture. A self-taught musician and passionate performer, he has edited a great deal over the last few years; it is worth highlighting the series Conciertos Por Amor al Arte (Concerts for Art's Sake) with the group A Contraluz, performed at the Monumental Theatre in Madrid, regularly broadcast by Channel 2 on Spanish Public Television. At present, he is a television producer.

A photographer since 1982, he has done work on realidad paralela (parallel reality). In 2005 he worked as a composer and photographer on the object book La raya, una invitación al pensamiento expansivo, 2005-06, by Ediciones del Oeste, and El anillo de Schödinger (Évora, Cáceres, Badajoz, Don Benito, 2007). In 2007 he was responsible for the sculpture and multimedia collage La Caja de Hefesto (IVAM, Valencia), made of patinated steel and plasma.

**pedro J. gómez** (Don Benito, 1969) holds a degree in Library Science and Documentation from the University of Extremadura and also studied at the Université de la Bourgogne (France) and the Northumbria University (United Kingdom). He has managed projects for SETA Consultores, he has been a lecturer on Digital Imagery at the Escuela de Negocios ITAE de Badajoz and associate producer at Jammin/Gestorex and Poliéster/Manzanos.

He is currently the president of art association DINAMO, through which he has organised numerous exhibitions of photographs from Extremadura and works as a freelance photographer and designer.

**daniel almoril román** (Badajoz, 1979) holds a degree in Audio-Visual Communication from the Science Faculty of the Universidad Complutense de Madrid, and finished his studies in Cinematography and Edition at the Escuela TAI (Madrid), as well as in Special Effects at the University of Alcalá de Henares. He has broad experience in filming and multimedia editing. He has been the director of Del Oeste Producciones, SL since 2006.

### **COMMISSIONER AND PRODUCER**

**arancha garcía gómez** (Badajoz, 1974) studied photography at the Escuela de Artes Plásticas in Mérida. She is a teacher of Portuguese and has throughout her life started various companies in the communications industry. She currently works in the field of public relations for companies in Extremadura. ●

Este libro/catálogo se terminó de imprimir  
en los talleres de Indugrafic, s.l.  
el día 1 de junio de 2009,  
festividad de Ntra. Sra. de la Luz.

nº      de **700**









